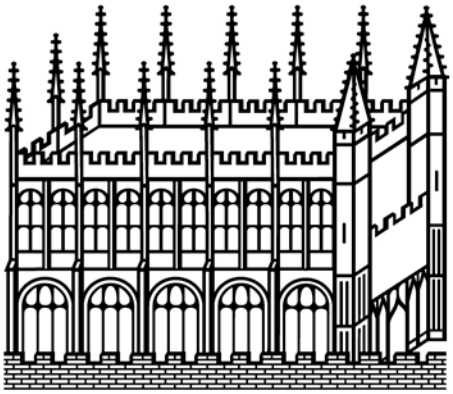


Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

EÇA DE QUEIROZ

LB
94

ALVES & C.ª

SÉTIMA EDIÇÃO

Leitorado de Português
OXFORD
Taylor Institution

LIVRARIA LELLO & IRMÃO — EDITORES
144, Rua das Carmelitas — PORTO
AILLAUD & LELLOS, Limitada — Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

PZ · ECA6
SALV
DØ

MODERN LANGUAGES FACULTY LIBRARY
TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY OF OXFORD

This book should be returned on or before the date last marked below.

-3. JUL. 1996

If this book is found please return it to the above address - postage will be refunded.

Eça de Queiroz

EÇA DE QUEIROZ

ALVES & C.ª

SÉTIMA EDIÇÃO

Leitorado de Português
OXFORD
Taylor Institution

LIVRARIA LELLO & IRMÃO-EDITORES
Proprietários da Livraria Chardron
144, Rua das Carmelitas — PÔRTO
AILLAUD & LELLOS, LIMITADA
Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

NOTA PREVIA

É este o quarto volume da nova serie de ineditos que, lentamente, pacientemente, tenho vindo organizando ha cerca de dous annos, e, de ha um mez para cá, vou atirando tumultuosamente ao publico.

E, em cada volume que surge, lá appareço eu, loquaz e alvoroçado, historiando, explicando, apresentando e justificando a nova publicação.

Hoje, porém, no momento de lançar aos braços dos leitores e da critica este quarto volume, reconheço desconsoladamente que não tenho nada a dizer: ALVES & C.ª não tem historia. ALVES & C.ª não se explica. Não se sabe d'onde veio, nem de quando data. Não se sabe sequer o titulo que o auctor lhe destinava. ALVES & C.ª é anonymo e desconhecido. Nunca o auctor se

lhe referiu n'uma carta, ou n'uma conversa, ou n'um artigo; nunca o offereceu ao editor; nunca sequer o mencionou!

Que podia eu pois dizer, em cumprimento da minha nova funcção de «fazedor de prologos»? — Apenas aquillo que sabia? — Era pouco!

Assim, tendo reduzido a habitual e pomposa INTRODUCÇÃO ás proporções mais modestas de NOTA, resolvi limitar-me á necessaria apresentação do volumezinho, reeditando aqui, para aquelles que o não leram, aquillo que já ficou dito no estudo que precede a CAPITAL.

ALVES & C.ª appareceu uma tarde, nos principios do anno de 1924, na já celebre mala de ferro, onde dormiam, ha mais de um quarto de seculo, os originaes ineditos

de meu Pae. Eram cento e quinze folhas soltas, sem titulo nem menção de data, cobertas d'uma letra como sempre vertiginosa, e, como sempre, sem um retoque nem uma correcção. Pelo formato do papel, pela letra, pela pouca extensão, pelo assumpto sobretudo, inclinei-me primeiro a que o manuscripto fizesse parte do largo plano inicial das SCENAS DA VIDA PORTUGUEZA, o que datava a novella entre 1877 e 1879. Comtudo, isto era apenas uma supposição.

É certo que dos doze títulos, destinados aos doze estudos sociaes — ou simplesmente humanos — que deviam formar as SCENAS DA VIDA PORTUGUEZA, nenhum póde razoavelmente applicar-se ao ALVES & C.ª.

Por outro lado, certas caracteristicas da novella tornavam legitima a minha suppo-

sição. Meu Pae, n'uma carta a Chardron, já citada na Introducção á CAPITAL, dava as feições essenciaes da futura obra, de que fallava como d'uma «collecção de pequenos romances, não excedendo de 180 a 200 paginas, que fôsse a pintura da vida contemporanea em Portugal: Lisboa, Porto, provincias, politicos, *negociantes*, fidalgos, advogados, medicos, todas as classes, todos os costumes entrariam n'esta galeria.» E mais longe acrescentava: «O encanto d'estas novellas é que não ha digressões, nem declamação, nem philosophia: tudo é interesse e drama, e rapidamente contado.» São estas, com effeito, as feições que caracterisam o ALVES & C.ª, que é de facto um breve estudo social de 200 paginas, uma pintura da pequena burguezia commercial de

Lisboa, uma curta novella em que «não ha digressões nem declamação», e em que «tudo é interesse e drama, e rapidamente contado».

Mais tarde, porém, descobri n'outra carta, essa para Luiz de Magalhães, uma phrase que me deixou perplexo. Luiz de Magalhães, então sub-director da REVISTA DE PORTUGAL, reclamava para a Revista um romance inedito de meu Pae; a isto meu Pae respondia: «Emquanto a roman-«ce, nem você sabe quanto eu sou longo a «trabalhar. Não tenho nada feito em ga-«veta — senão um pequeno estudo, que pela «sua natureza um pouco *crua* não convem «á Revista.» A carta era datada de Paris, em 1891.

Seria esse estudo de «natureza um pouco crua» e que meu Pae não queria vêr publi-

cado na REVISTA DE PORTUGAL, a pequena novella tão finamente ironica — o drama banal que um momento agita tão grotescamente as vidas subalternas do bom Alves e do seu amigo? Referia-se realmente a carta ao manuscripto que hoje nos occupa? É bem possivel — tanto mais que d'aquelle estudo «de natureza um pouco crua» nunca mais ouvimos fallar, nem outro apparece entre os papeis de meu Pae que de longe ou de perto possa corresponder a essa descripção. E por isso, de certo, como não convinha á Revista, o pequeno estudo tornou a mergulhar na gaveta, onde vemos que já então esperava resignadamente. De resto, isto tambem, não passa d'outra supposição.

Mas para que accumular hypotheses que

nunca ninguem poderá verificar, ou argumentos que são meramente conjecturaes?

Só ha afinal dous pontos, na historia confusa d'este manuscripto, que se podem asseverar com segurança e precisão: que meu Pae o escreveu — e eu lhe dei publicidade.

O primeiro d'esses pontos não comporta discussão. É um facto: tem a indestructibilidade d'um monumento da remota antiguidade egypcia.

Quanto ao segundo, para que juntar aqui commentarios que o justifiquem? — ALVES & C.ª enceta hoje a sua carreira: por minhas mãos entra no ruido da publicidade e affronta a sentença da Critica. Obra de primeiro jacto, lançada no papel n'um improviso magistral, soffre de-certo das

deficiencias d'uma revisão de leigo — e comtudo é confiadamente que deponho o livrinho nas mãos do publico, certo de que a justeza dos seus typos, o seu intenso sabor lisboeta, a graça dos seus dialogos, o equilibrio da sua composição, a ironia das suas situações, n'uma palavra, a arte consummada que o manuscripto revela, são a mais segura garantia do seu exito e a melhor justificação da publicidade que hoje lhe dou.

Granja, 1925.

JOSÉ MARIA D'EÇA DE QUEIROZ.

ALVES & C.ª

I

N'essa manhã, Godofredo da Conceição Alves, encalmado, soprando por ter vindo do Terreiro do Paço quasi a correr, abria o batente de baetão verde do seu escriptorio, na rua dos Douradores, quando o relogio de parede, por cima da carteira do guarda-livros, batia as duas horas, n'aquelle tom cavo a que os tectos baixos davam uma sonoridade dolente e triste. Godofredo parou, verificou o seu proprio relogio,

preso por uma corrente de cabello sobre o collete branco, e não conteve um gesto d'irritação vendo a sua manhã assim perdida pelas repartições do Ministerio da Marinha. Era sempre assim, quando o seu negocio de commissões para o Ultramar o levava lá. Apesar de ter um primo director geral, de escorregar de vez em quando uma placa de cinco tostões na mão dos continuos, de ter descontado letras de favor a dois segundos officiaes, eram sempre as mesmas esperas dormentes pelo ministro, um folhear eterno de papelada, hesitações, demoras, todo um trabalho irregular, rangente e desconjunctado de velha machina meia desaparafusada.

— Sempre o mesmo encaranguejamento — exclamou elle, pousando o chapéu sobre a carteira do guarda-livros. — Dá vontade de os espica-

çar, como aos bois : eh ! Russo ! eh ! Malhado ! p'ra deante ! . . .

O guarda-livros, moço amarellado, d'aspecto doente, sorriu. Espalhou areia sobre a larga folha que acabava de escrever e disse, sacudindo-a :

— O snr. Machado deixou um bilhete lá dentro . . . Diz que ia ao Lumiar.

Godofredo, que limpava a testa com o lenço de sêda, escondeu um sorriso por traz do lenço e pôz-se a examinar a correspondencia que o guarda-livros continuava a polvilhar d'areia.

Uma carroça, fóra, atroou um momento a rua estreita, com um ruido de ferragens sacudidas. Depois, tudo recahiu n'um silencio pesado.

Um empregado, agachado deante d'um caixote, escrevia um nome

sobre a tampa. A penna de pato do guarda-livros rangia; por cima, o relogio batia um tic-tac forte, e n'aquelle grande calor do dia, no abafamento dos tectos baixos, subia dos caixotes, dos fardos, da papelada poeirenta, um cheiro vago de ranço e de mercearia.

— O snr. Machado estava hontem em D. Maria — murmurou o guarda-livros, sem cessar d'escrever.

Alves largou a carta que lia, interessado, com o olhar mais vivo:

— Que ia hontem ?

— *O Trapeiro de Paris* . . .

— Que tal ?

O guarda-livros ergueu os olhos da carta para responder:

— Eu cá gostei muito do Theodorico . . .

Alves esperou ainda algum detalhe, uma apreciação: mas o guar-

da-livros retomára a penna : continuou a sua leitura. Durante uns instantes, o trabalho do empregado, agachado, interessou-o : seguia o pincel, admirando as curvas das letras.

— Ponha-lhe um til, homem ! Fabião tem um til . . .

E como o rapaz se atrapalhava, elle proprio se abaixou, tomou o pincel, deu o seu til a Fabião.

Fez ainda umas recommendações ao guarda-livros sobre uma remessa de baetão vermelho para Loanda, e, empurrando outro batente verde, desceu dois degraus, — porque n'aquelle rez-do-chão os pavimentos eram de niveis differentes — e penetrando no seu gabinete poude emfim desabotoar o collete e estender-se na sua poltrona de reps verde.

Fóra, o dia de Julho abrasava,

faiscava nas pedras dos passeios. Mas alli, n'aquelle gabinete onde nunca dava o sol, assombreado pelos altos predios fronteiros, havia uma frescura que as persianas verdes, corridas, envolviam n'uma penumbra repousada; e o verniz das duas carteiras — a d'elle e a do socio — a esteira que cobria o chão, o reps verde bem escovado das cadeiras, uma moldura dourada encaixilhando uma vista de Loanda, a alvura lustrosa d'um grande mappa na parede, tinham um ar d'arranjo, de ordem, que punha no gabinete um repouso, uma frescura maior. Havia mesmo um ramo de flores, que sua mulher, a boa Lulú, lhe mandara na vespera, compadecida de o saber, por aquellas manhãs de calma, no abafamento do escriptorio, sem a côr viva d'uma flôr que lhe alegrasse os olhos. Ti-

nha posto o ramo sobre a carteira do Machado: mas, sem agua, as flores murchavam.

O batente verde abriu-se e o guarda-livros mostrou a face amarellenta e doentia:

— O snr. Machado deixou alguma recommendação a respeito do vinho de Collares para Cabo Verde? — perguntou.

Só então Alves pensou na carta do socio que estava sobre a escrivaninha. Abriu-a: as duas primeiras linhas explicavam a ida ao Lumiar; depois, com effeito, começava: «a respeito do Collares...»

Alves deu a carta ao guarda-livros, e quando o batente se fechou de novo, teve outra vez o mesmo sorriso disfarçado. Desde o começo do mez, era a quarta ou quinta vez que o Machado desapparecia assim do escriptorio, ora para ir ao Lu-

miar vêr a mãe, ora á outra Banda visitar um amigo tisico, ora mesmo, sem razão, com esta palavra vaga: «um negociosito». E Alves sorria. Começava a desconfiar d'aquelle «negociosito»!

Machado tinha vinte e seis annos e era bonito moço. Com o seu bigodito loiro, o cabello annelado e um certo ar d'elegancia, as mulheres gostavam d'elle. Desde que eram socios, Alves conhecera-lhe tres ligações: uma hespanhola que, apaixonada por elle, deixara um brazileiro rico, um antigo influente de provincia que lhe puzera casa; depois, uma actriz de D. Maria, que não tinha nada senão uns lindos olhos; agora, era aquelle «negociosito»! Mas estes novos amores de certo eram mais delicados, tomando um logar maior no coração e na vida de Machado. Godofredo sentia-o

bem, por certo ar inquieto e preoccupado do socio, o que quer que fôsse de contrafeito, de triste por vezes... De resto, Machado nunca lhe contára as suas aventuras, não mostrara jámais a menor tendencia para uma effusão, uma confidencia... Eram intimos. Machado ia passar muitas noites a casa d'elle, tratava a Lulú quasi como uma irmã, jantava lá todos os domingos; mas, ou porque tivesse entrado na firma commercial havia pouco, ou por ser dez annos mais novo, ou porque Alves tivesse sido amigo de seu pae e um dos seus testamenteiros, ou ainda talvez por ser casado, Machado conservava para com elle uma certa reserva, um vago respeito e nunca entre elles se estabelecera uma verdadeira camaradagem d'homens. Por isso Alves tambem não o interrogava. O

« negociosito » não pertencia aos interesses da firma : elle não tinha nada com isso

Apesar d'aquellas ausencias repetidas, Machado continuava a ser muito trabalhador, amarrado á carteira dez e doze horas em dias de paquete, activo, fino, vivendo todo para a prosperidade da firma ; e Alves não podia deixar de confessar que, se na firma elle representava a boa conducta, a honestidade domestica, a vida regular, a seriedade de costumes, Machado representava a finura commercial, a energia, a decisão, as largas idéas, o faro do negocio.

Elle, Godofredo, fôra sempre de natureza indolente, como seu pae, que, por gosto, se fazia transportar d'uma sala para a outra n'uma cadeira de rodas.

De resto, apesar dos seus prin-

cipios severos de rapaz educado a serio nos jesuitas, cheio de boas crenças e que nunca antes de casado tivera uma aventura, um amor irregular, elle sentia por estas «tolices» do Machado uma vaga e sympathica indulgencia. Em primeiro logar, conhecera Machado de pequeno e bonito como um cherubim; depois, nunca deixara de o impressionar vagamente a boa familia do socio, o seu tio Visconde de Villar, as suas relações na sociedade, o caso que d'elle fazia D. Maria Forbes, que o convidava para as suas quintas-feiras, apesar de negociante. Admirava-lhe as bellas maneiras e certos requintes de elegancia; impressionava-o aquelle bom ar, aquella distincção do Machado. Mas havia ainda outra razão, uma razão de temperamento, para que elle não deixasse de sympathisar

vagamente e a seu pezar com as aventuras amorosas do Machado. É que, no fundo, aquelle homem de trinta e sete annos, já um pouco calvo, de farto bigode preto, era ainda, apesar das preoccupações do negocio, ligeiramente romantico. Herdara aquillo de sua mãe, uma senhora magra, que tocava harpa, passava a vida a lêr versos. Fôra ella que lhe puzera aquelle nome ridiculo de Godofredo. Mais tarde, todo esse sentimentalismo que durante longos annos se dera ás coisas litterarias, aos luares, aos amores de romance, se voltara para Deus, n'um começo de monomania religiosa. A leitora de Lamartine tornara-se uma devota maniaca do Senhor dos Passos e os seus ultimos dias foram um longo terror do inferno! Elle herdara alguma coisa d'estas tendencias da mãe. Em ra-

paz, tivera toda a sorte d'enthusiasmos que se não fixavam, que fluctuavam, indo dos versos de Garrett ao Coração de Jesus. Depois, calmara, a seguir a uma febre typhoide; e quando veio a occasião de tomar a casa de commissões de seu tio, era um homem pratico, vendo a vida pelo seu lado material e serio. Ficara-lhe comtudo na alma um fundo de sentimentalismo romantico que não queria morrer: assim, gostava de theatro, de dramalhões, de incidentes violentos. Lia muitos romances; as grandes acções, as grandes paixões exaltavam-no, e sentia-se por vezes capaz d'um heroismo ou d'uma tragedia. Mas tudo isto era vago, quasi inconsciente, movendo-se surdamente no fundo do coração; e se as paixões romanticas o interessavam, de certo não pensara nunca em

lhes provar o mel ou as amarguras! Não: elle era um homem casto que amava a sua Lulú; sómente, gostava de as vêr no theatro ou nos livros. E agora o romance que elle sentia alli, ao seu lado, no seu escriptorio, interessava-o. Era como se os fardos, a papelada, se espiritualisassem com aquelle vago perfume de aventura que emanava do Machado...

De novo o batente verde se abriu e a face amarellada do guarda-livros appareceu. Vinha restituir a carta do snr. Machado, e, antes de se retirar, lembrou, pela porta entreaberta:

— Hoje, é a reunião geral da *Transtagana*.

Alves teve uma surpreza:

— Então... Então hoje são nove?

— Hoje são nove.

De resto, sabia perfeitamente que era o dia nove. Mas é que a idéa da reunião annual da *Transtagana* trazia-lhe bruscamente a lembrança do anniversario do seu casamento. Durante os dois primeiros annos fôra um dia de festa intima, com um bonito jantar a que ia a familia, uma pequena dança, á noite, ao som d'um simples piano. Depois, o terceiro anniversario coincidira com os primeiros tempos do luto pela sua sogra, quando, na casa ainda triste, Lulú ainda chorava pelos cantos. E agora, este dia de festa deslisava, estava quasi passado, e nem um nem outro tinham sequer pensado n'isso. A Lulú não se lembrara, de certo. Quando elle sahira, de manhã, ella penteava-se, ao espelho, já a pé, e não lhe fallara em nada. Era pena que aquelle bello dia findasse assim, sem que se abrisse uma garrafa

de vinho do Porto, sem terem ao menos um creme mais cuidado á sobremesa. Além d'isso, devia ter convidado o sogro e a cunhada — ainda que ultimamente as suas relações tivessem arrefecido, houvesse um afastamento, por causa d'uma creada nova que se tornara toda poderosa em casa do viuvo.

Mas emfim, n'uma data d'aquellas, de festa, como uma data d'annos, aquellas coisas esqueciam-se, o sentimento de familia dominava. E decidiu logo correr á rua de S. Bento, lembrar á Lulú aquella grande data, mandar um recado ao sogro, que morava a Santa Isabel. Eram quasi tres horas, a correspondencia estava assignada, não havia n'esse dia outros affazeres, n'aquella especie de repouso que se seguia sempre á azafama das occasiões de paquete. E tomando o chapéu, no regosijo

do meio feriado, alegrava-se á idéa de ir surprehender com um bom abraço a sua querida Lulú. Só uma coisa o contrariava : que o Machado estivesse no Lumiar e não pudesse jantar com elles.

— Volta ? — perguntou o guarda-livros, vendo-o de chapéu na cabeça.

Godofredo pensou um momento em o convidar, mas temeu que o Machado se offendesse, sabendo o seu talher tão facilmente preenchido.

— Não volto ... Se o snr. Machado por acaso apparecer, — não é natural — mas emfim, se apparecer, que lá o esperamos, ás seis .. como estava combinado.

Ao descer a escada, sentia-se contente como se tivesse casado na vespera. Era um desejo ardente de entrar em casa, por aquelle calor,

vestir o seu casaco de linho, metter os pés nos chinelos, e alli ficar, esperando pelo jantar, gozando o seu interior, os movimentos, a presença da sua bonita Lulú. E n'aquella onda de felicidade que o invadia, veio-lhe a boa idéa de lhe levar um presente. Pensou n'um leque, mas depois decidiu-se por uma pulseira que vira havia dias n'uma vidraça de ourives: uma serpente d'ouro, com dois olhos de rubis, mordendo o rabo. E este presente tinha uma significação: symbolisava a eterna continuidade, a volta regular dos dias felizes, alguma coisa que vae sempre girando n'um circulo d'ouro.

Sómente receava que a joia fôsse cara. Mas não: apenas cinco libras; e como, emquanto elle a examinava, o ourives afiançara que, na vespera, vendera uma egual á Snr.ª Mar-

queza de Lima, não hesitou mais, pagou logo. E ainda não tinha dado dois passos na rua, parou sob uma sombra, abriu de novo a caixa, deu-lhe outro olhar, tão contente estava com a sua compra. E vinha-lhe um enternecimento, como vem sempre a quem offerece um presente: como uma pequena porta aberta no egoismo e na avareza natural do homem, através da qual irrompesse toda a onda expansiva das generosidades latentes. N'aquelle momento, Godofredo desejou ser rico e poder offertar a Lulú um collar magnifico de brilhantes. Eram casados havia quatro annos, e nunca entre elles houvera uma nuvem.

Desde que a vira, n'uma tarde em Pedrouços, adorava-a. No entanto, podia agora confessal-o, ao principio tivera-lhe medo. Julgara-a imperiosa, orgulhosa, exigen-

te, secca. Tudo por causa da sua bella estatura, dos seus grandes olhos negros, do porte erecto, do cabello ondeado e crespo... Mas afinal, dentro d'aquelle corpo magnifico de rainha barbara encontrara um coraçãozinho de creança. Era boa, era esmoler, era alegre, e o seu genio corria egual e suave como a superficie transparente d'um rio, n'uma tarde de verão.

Só durante um tempo, havia coisa de quatro mezes, ella mostrara certas desegualdades, um pouco de melancolia, uma pontinha de nervos: até elle suppozera que... Mas não, não era isso, infelizmente. Eram nervos, e tinham passado; viera uma reacção — e nunca, como nos ultimos tempos, ella fôra tão terna, tão alegre, enchendo-o de tanta felicidade...

E tudo isto lhe bailava alegre-

mente em volta do coração, emquanto subia, na calmaria ardente, sob o seu guarda-sol, a rua Nova do Carmo. Ao alto da rua, no restaurante do Matta, parou a encommendar uma empada de peixe para as seis horas. Comprou ainda um fiambre, um queijo da serra, e olhava em redor para vêr o que poderia levar mais, com a alegria e a sofreguidão d'um passaro que provê o seu ninho. Subiu o Chiado. Um momento parou, a olhar com respeito um grande homem, um grande poeta, um grande historiador, que n'esse momento, de velho casaco de lustrina e chapéu de palha, conversava á porta do Bertrand, com o seu enorme lenço de ramagens preparado para se assoar. Godofredo admirava-lhe os romances e o estylo. Depois, comprou charutos para o sogro, para depois do jan-

tar. Desceu emfim a Calçada do Correio que faiscava sob o sol, poeirenta e secca. Apesar do calor, caminhava depressa, palpando de vez em quando a caixa da pulseira, que mettera no bolso da sobrecasaca.

Chegara á rua de S. Bento, a meia duzia de passos da sua casa, quando, dentro da confeitaria, viu a sua creada, a Margarida, esperando ao balcão. Comprehendeu logo que a Lulú não se esquecera do dia, da data feliz: a Margarida viera comprar doces, sobremesas.

Em dois passos, entrou no seu portal. Era uma casa de dois andares, pintada d'azul, apertada entre dois grandes predios sordidos. Elle occupava o primeiro andar, e, apesar de não se dar com os visinhos de cima, gente barulhenta e ordinaria, de não gostar que elles participassem do luxo da sua entrada,

tinha mandado ultimamente, a pedido da Lulú, atapetar a escada. E não se arrependia: era sempre com um prazer novo que, ao entrar em casa, sentia sob os pés aquelle tapete que se desenrolava pelos degraus, communicando-lhe uma sensação de conforto solido. Aquelle tapete dava-lhe um acrescimo de consideração por si mesmo. A Margarida, que sahira apenas por um instante, deixara a cancella aberta; um profundo silencio reinava dentro da casa; tudo parecia adormecido sob a grande calma do dia. Uma luz forte cahia da claraboia e o cordão da campainha, com a sua borla escarlate, pendia immovel.

Veio-lhe então uma idéa absurda de noivo folgazão: entrar pé ante pé, ir ao quarto surprehender a Lulú que, ordinariamente, áquella hora, se vestia para o jantar. E sor-

ria já do gritinho que ella ia dar, em saia branca talvez, com os seus bellos braços nús... A primeira sala era a de jantar, que communicava por duas portas de reposteiros, com o *boudoir* d'ella e com a sala de visitas. Entrou. No chão esteirado, os seus sapatos de verão, de sola fina, não faziam o menor ruido. As salas pareciam deshabitadas, n'um silencio tão completo que se sentia vir da cozinha um rumor de fritura, e se ouvia na varanda o saltitar do canario dentro da sua gaiola. Dirigiu-se para o reposteiro do *boudoir*, e, sorrindo baixo, ia levantal-o, assustal-a, quando da sala de visitas, através do reposteiro meio corrido, veio um rumor ligeiro, indistincto, como um vago suspiro, um garganteio muito leve. Godofredo voltou-se, sentindo-a alli; espreitou... E o que viu — santo Deus!

— deixou-o petrificado, sem respiração, com todo o sangue na cabeça e uma dôr tão aguda no coração que quasi o deitou por terra: sobre o canapé de damasco amarello, deante d'uma mezinha onde havia uma garrafa de vinho do Porto, Lulú, de *robe-de-chambre* branca, encostava-se, abandonada, sobre o hombro d'um homem que lhe passava o braço pela cintura, contemplando-lhe o perfil com o olhar afogado em languidez. O homem era o Machado!

II

Ao estremecer do reposteiro, Ludovina vira-o, e dando um grito, saltara instinctivamente para longe do sofá. Godofredo ouvira aquelle grito, mas não se podia mexer. Sem saber como, achára-se cahido sobre uma cadeira, ao pé da porta, e tremia, tremia como n'uma sezão, tomado de frio. Através do rumor de febre que lhe enchia a cabeça, o deixava sem idéas, elle sentia toda a atrapalhação que ia dentro da sala :

passos fortes pisando o tapete, umas palavras trocadas, n'um sopro, com angustia . . . O ferrolho da porta que dava para a escada correu; depois, um silencio . . Então, subitamente, a idéa que elles tinham fugido ambos restituiu-lhe bruscamente as forças. Um furor apoderou-se d'elle, e, d'um pulo, arremessou-se para dentro da sala. Mas tropeçou n'uma pelle de raposa que ornava o limiar e foi estatelar-se ridiculamente sobre o tapete!

Quando se ergueu, furioso, com os punhos cerrados, o reposteiro da porta da escada balouçava-se na aragem: não havia ninguem na sala.

Correu ao patamar: a escada desenrolava-se sob a luz viva da claraboia, com o seu grande ar de decencia burgueza. Então, allucinado, precipitou-se para a janella: pela rua fóra, a passadas de côvado,

o Machado afastava-se com o guarda-sol na mão. Onde estava ella, então ? Quando se voltou, no meio da sala, viu a Margarida, espantada, com o seu cartucho de bolos na mão.

— Onde está ella ? — gritou-lhe Godofredo.

Ao principio, a creatura não comprehendeu ; mas subitamente deixou cahir o cartucho, levou o avental aos olhos e rompeu a chorar. Elle repelliu-a, quasi a atirou para o chão, correu á cozinha : com a porta fechada, cantando alto para o saguão e escamando o seu peixe, a cozinheira nada ouvira, nada sabia. Então Godofredo, voltando, arremessou-se contra a porta do quarto de Ludovina : estava fechada !

— Abre ou arrombo ! — berrou.

Não houve resposta. Elle collou o ouvido á madeira : vinha de den-

tro como um sopro d'angustia e de terror, um vago soluçar . . .

— Abre ou arrombo — gritou de novo, e cheio d'idéas de sangue e de morte, atirou uma punhada á porta, como se fôsse já sobre o corpo d'ella que batesse.

Então, de dentro, uma voz afflicta respondeu, n'um grito de supplica :

— Mas não me faças mal ! . . .

— Juro-te que te não faço mal... Abre ! Abre !

A chave rangeu. Elle precipitou-se, emquanto Ludovina, no seu grande penteador branco, se refugiava por traz da cama, apertando as mãos, com os olhos arregalados de pavor e cheios de lagrimas.

E então, deante d'aquella mulher que chorava, o seu furor cahiu, e alli ficou, com a garganta estrangulada, dardejando-lhe olhos de lou-

co, quasi a chorar tambem. Ella deu dois passos lentos para elle, com os braços abertos, e tremendo-lhe a voz, tremendo toda, gritou por entre as lagrimas:

—Oh, Godofredo, pela tua saude, perdôa, eu não tinha feito mal nenhum, e era só a primeira vez!...

E elle com a garganta estrangulada, só conseguia articular, de dentes cerrados:

— A primeira vez... a primeira vez...

A sua colera subia, fez explosão, n'um berro:

— E que fôsse a primeira, que tem que fôsse a primeira? E então com quem, infame! E então com quem! O que eu devia era matar-te. Vae, vae-te embora, sahe d'aqui, deixa-me, creatura... Vae-te, vae-te!...

Ella sahiu, n'um choro desespe-

rado ; e voltando-se, Godofredo viu, á porta do corredor, a cozinheira que espreitava, curiosa, com o olho acceso, e atraz, mais na sombra, Margarida, inquieta e encolhida, espreitando tambem.

— Que faz vossemecê aqui ? — rugiu elle. — Já p'ra cozinha ! Se há aqui um pio, vae tudo p'rá rua !

E atirou com a porta, ficando a passear furiosamente pelo quarto, onde o grande leito com as duas travesseirinhas unidas ostentava a sua brancura. E através do sangue que lhe fervia na cabeça, as suas idéas iam-se fixando. Decidiu logo bater-se com o Machado, n'um duello de morte, e a ella, mandal-a para casa do pae. Pensou tambem em a mandar para um convento, mas pareceu-lhe mais deprimente para ella, mais digno para elle, ir muito simplesmente restituil-a ao pae. E ape-

nas mediu, pesou, fixou estas duas resoluções, a sua grande colera acalmou-se.

Agora sentia uma tristeza dura, negra, a que se misturava a necessidade imperativa, fria, aguda, de se vingar . . . E a casa parecia de novo adormecida ao sol, conservando apenas no ambiente como que um surdo calor da colera que alli passára.

Godofredo então procurou compôr o rosto : arranjou mesmo a gravata deante do espelho, e empurrando a porta, entrou para a sala de jantar. Ella lá estava, sentada n'uma cadeira, encostada á parede, com o lenço na mão, chorando baixo e assoando-se por entre as lagrimas. O seu bello cabello negro ainda estava mettido n'uma rede vermelha, e o chambre que se desapertara deixava vêr um bocadinho de renda de camisa, uma vaga bran-

cura de seio... Elle desviou os olhos: não a queria vêr chorar. E foi voltado para a janella, secco e duro, que disse:

— Arranje as suas coisas, p'ra ir p'ra casa de seu pae.

Sempre com os olhos voltados para a vidraça, sentiu que por traz d'elle o choro brando tinha parado. Mas ella não respondeu. Godofredo esperou ainda uma supplica, um grito d'amizade, uma palavra de arrependimento: mas só a ouviu assoar-se. Então, tornou-se cruel:

— Em minha casa — continuou, sempre voltado para a janella, com uma voz mordente que a devia queimar — não quero prostitutas. Póde levar tudo... Tudo o que é seu, leve-o. Mas rua!

Voltou as costas, foi fechar-se no seu gabinete, uma especie d'alçova pequena, onde tinha apenas

uma escrevaninha e uma estante. Sentou-se, preparou o papel, lançou ao alto a data, com a mão tremula, que tornava irregular o seu bello cursivo commercial. Depois hesitou se diria: *meu caro Papá*, ou sómente: *Ex.mo Snr.*; mas decidiu-se logo por esta ultima formula, porque afinal, agora, todo o parentesco acabara: já não tinha familia! E deante do papel branco e vazio, ficou pensando, revolvendo esta idéa: já não tinha familia. Uma tristeza immensa invadiu-o, sentiu uma grande compaixão por si mesmo. Porque lhe succedia isto, a elle, tão bom, tão trabalhador e que a amava tanto? Uma lagrima veio-lhe aos olhos. Mas não se queria commover, queria escrever, friamente, rapidamente, a sua carta. Ao tirar o lenço para seccar os olhos, encontrou uma caixa, a caixa da pulsei-

ra! Abriu-a: no seu ninho de sêda, a cobra d'ouro com olhos de rubis, enroscava-se, trincando o rabo. E alli estava o bello symbolo da eterna continuidade dos dias felizes, que voltam, um a um, como alguma coisa que vae sempre girando n'um circulo d'oiro! E sentiu um desejo furioso de a acabrunhar, de lhe atirar em rosto todas as bondades que tivera com ella, os seus sacrificios, as *toilettes* que lhe dera, os caprichos a que obedecera . . . e o camarote em S. Carlos, e as dedicações do seu amor. Não se conteve, voltou á sala de jantar, com os labios cheios de exprobações.

Ella ainda lá estava, mas agora de pé, e, como elle, pouco antes, fixava estupidamente o predio fronteiro, limpando os olhos. A luz banhava o seu bello perfil e a linha molle da saia continuava a graça forte do

seu corpo. Subitamente, Godofredo sentiu que as palavras se lhe seccavam na bocca. Não achava uma transição para começar as suas invectivas, e, defronte da outra janella, torcia furiosamente o bigode, com o coração n'um tormento e os labios estereis. Por fim, uma idéa absurda surgiu do seu vago fundo romantico: atirou a pulseira para cima da mesa, gritou:

— Mette isso tambem na mala; tinha-t'a comprado hoje; é mais uma prenda...

Ella, instinctivamente, deu um olhar á pulseira. Depois, recomeçou a chorar.

Aquellas lagrimas mudas importunavam-no, enervavam-no:

— Para que estás tu a chorar? De quem é a culpa? Minha não é, que nunca aqui te faltou nada!

Então, foi uma explosão. Pas-

seando pela sala, n'uma voz baixa, rapida, lançou-lhe á face toda a sua ternura, toda a sua dedicação. Ella deixara-se cahir sobre uma cadeira, chorando sempre: parecia dever chorar assim eternamente. Elle gritou:

— Mas deixa-te de choros; falla! Dize, explica... Não tens nada que te desculpe? Foste tu que quizeste, foste tu que o provocaste?...

Ella levantou vivamente o rosto. Um clarão luziu-lhe nos olhos através das lagrimas. E sofregamente, como quem se agarra para não cahir, accusou o Machado. Fôra elle, elle só tivera a culpa. Aquillo começara havia quatro mezes, quando elle tinha deixado a do D. Maria. E então começara com ella, e fallava-lhe, e escrevia-lhe, e tentava-a, e apparecia lá quando Godo-

fredo estava no escriptorio, e um dia, emfim, quasi á força . . .

— Juro-te que foi assim . . . Eu não queria, pedi-lhe por tudo . . . Depois, tive medo que a Margarida ouvisse o barulho . . .

Godofredo ouvia estas coisas, lívido!

— Deixa vêr as cartas d'elle — disse por fim n'uma voz que mal se ouvia.

— Não as tenho . . .

Elle deu um passo para o quarto, dizendo:

— Eu as acharei!

Ella erguera-se com um grito, envolvendo-o nos braços:

— Juro-te que as não tenho. Assim Deus me salve . . . Entreguei-lh'as todas ha dias . . .

Elle afastou-a, foi ao toucador. Justamente, o molho das chaves estava sobre o marmore, entre os fras-

cos. E começou uma busca desesperada por entre os lenços, as rendas, as caixas de leques, todas essas coisas intimas de mulher . . .

Ella por vezes tomava-lhe o braço, jurava-lhe que não tinha cartas. Mas elle, tranquillamente, afastava-a e continuava devastando as gavetas. Um leque de marfim quebrou-se ao cahir; um rosario de contas com a sua cruz jazia no chão.

E já lhe parecia que ella fallava verdade, quando viu o maço de cartas, apertadas com uma fita de sêda, expondo-se estupidamente á sua vista, desde o principio, entre duas escovas. Arrebatou-as: não eram cartas d'elle; eram d'ella. A primeira que abriu, começava por: *meu anjo*. Então, tranquillamente, metteu-as no bolso, e voltando-se para ella que ficara prostrada á beira do leito, disse:

— Arranje-se para sahir hoje mesmo.

Voltou para o seu gabinete, e ahi, uma por uma, leu as cartas. Não podia haver nada mais imbecil: era a perpetua repetição de phrases feitas e empoladas: « Meu anjo adorado, porque não fez Deus que nos encontrassemos há mais tempo ?...» «Meu amor, pensas tu n'aquella que daria a vida por ti ?» E mesmo isto: « Ai, quem me dera ter um filho teu . . . » E cada phrase lhe cahia no coração como uma pancada surda que o devastava. Uma sobretudo enfureceu-o; começava: « Riquinho da minha alma, que tarde a d'hontem . . . »

Então, vivamente, quasi rasgando o papel com a penna, escreveu a carta ao sogro, quatro palavras simples — « que encontrara sua mulher com um homem, e desejava que elle

a viesse buscar e a recolhesse. Senão, elle pôl-a-ia fóra de casa como uma meretriz, indifferente ao destino que tomasse. E n'um *post-scriptum* acrescentava que ia sahir das cinco ás sete — e lhe pedia que aproveitasse essa ausencia d'elle para vir buscar a filha. Metteu a carta no bolso, compôz a sobrecasaca, passou instinctivamente a manga pela sêda do chapéu, e sahiu.

Na escada encontrou um rapaz d'avental branco com um cesto no braço.

— É aqui que mora o Snr. Alves?

Era a empada, o fiambre, o queijo da serra, todas as boas coisas que elle comprara. Uma onda de tristeza afogou-lhe o coração. Teve de se segurar ao corrimão para não desfallecer . . .

— É de casa do Matta ? — perguntou com esforço.

— Sim senhor — respondeu o rapaz, espantado d'aquelle senhor que parecia tão doente.

Godofredo murmurou:

— Sobe, bate em cima...

E ficou a escutar. Ouviu o rapaz tocar, a porta abrir-se — depois a voz da Margarida dizer para dentro:

— É um rapaz que traz uma empada, minha senhora...

Então Godofredo desceu as escadas quatro a quatro — mas em baixo, dominado pela decencia grave da sua entrada, procurou calmar-se, abotoou a sobrecasaca, passou as mãos pela face, e sahiu com aquelle ar de solida prosperidade que o tornava tão respeitado da visinhança.

II

Felizmente, defronte da mercearia, estava um galego que ás vezes lhe fazia recados e conhecia a casa do sogro. Entregou-lhe a carta, recommendando-lhe que a entregasse em mão propria e não esperasse pela resposta; e como conhecia a probidade d'aquelle homem encanecido no serviço do bairro, acrescentou:

— Tem cuidado, vae dinheiro dentro . . . uma nota.

O velho guardou a carta nas

profundidades do seio, por baixo da camisa.

E então, de longe, Godofredo pôz-se a seguir aquella carta. Viu o homem entrar na casa onde vivia o sogro, um predio de quatro andares, enxovalhado, com uma loja de trastes velhos por baixo. Netto morava lá no alto, no andar que dava para a varanda, onde havia um vaso de flores. Durante tempo que lhe pareceu uma eternidade, esteve de longe, vigiando a porta. O galego não descia e veio-lhe o terror que o sogro não estivesse em casa. Se tivesse sahido? Se recolhesse tarde? Se jantasse fóra? Não daria então signal de si senão á noite. E elle, que havia de fazer? Errar pelas ruas, á espera que sua mulher sahisse? E isto transmittia-lhe uma sensação terrivel d'abandono, de desordem, como se para sempre tivesse

acabado a regularidade das coisas. De repente, viu o galego : entregara a carta ao snr. Netto, e descera logo, sem esperar. Então Godofredo, alliviado, continuou a caminhar ao acaso. Instinctivamente, os seus passos fizeram o caminho habitual de todas as manhãs, o caminho do seu escriptorio. Desceu o Chiado. Na rua do Ouro parou um momento a olhar para uma pistola, na *vitrine* do Lebreton, e a idéa da morte atravessou-o. Mas não queria pensar n'isso, agora, nem no seu duello. Logo, ás sete horas, quando recolhesse e encontrasse a casa vazia, então sim, pensaria no duello, no ajuste de contas com o outro. E foi andando, ao acaso. Um momento pensou em ir ao Passeio Publico, mas receiou encontrar o Machado. Seguiu pelo Terreiro do Paço, pelo Aterro, quasi até Alcantara. Ia como um

somnambulo, sem reparar na gente que o acotovellava, nem na belleza da tarde de verão, que morria n'um explendor d'ouro vivo. Não pensava em coisa alguma. Tinha no cerebro como que uma ondulação d'idéas em que passava toda a sorte de coisas — recordações do seu namoro com Ludovina, passeios que tinha dado com ella; depois, a maneira como ella estava recostada no braço do outro, com a garrafa de vinho do Porto na frente! E a cada momento voltavam-lhe fragmentos das cartas d'ella: «meu anjo, porque não hei-de eu ter um filho teu!?» Era o mesmo que ella lhe dissera, com os labios unidos aos d'elle, de noite, no calor do leito... Regosijava-se agora de não ter um filho d'uma tal infame!

Ia escurecendo; pensou em voltar. Tomara-o uma grande fadiga

de todas as profundas emoções, d'aquella grande caminhada no ar molle do dia de Julho. Entrou n'um café, pediu um grande copo d'agua, e ficou sentado, com a cabeça apoiada á parede, abandonando-se ao prazer do seu curto descanço, na meia penumbra do café.

Um crepusculo quente envolvia a cidade. Todas as janellas abertas respiravam, depois da grande calma do dia ; uma ou outra luz ia-se accendendo, e via-se passar gente encalmada, com o chapéu na mão.

E elle sentia um vago prazer n'aquella penumbra e n'aquelle repouso. Parecia-lhe que a sua dôr se dissipava, se dissolvia na absoluta inacção do corpo, entre as sombras do anoitecer. E vinha-lhe um desejo de ficar alli para sempre, sem jámais se accenderem as luzes, sem que jámais elle tivesse de se mover,

de dar um passo na vida. E a idéa da morte invadiu-o d'um modo insinuante e sereno como o sopro d'uma caricia. Desejou verdadeiramente morrer. N'aquelle abatimento em que o seu corpo cahira, todas as amarguras por que tinha ainda que passar, todas as coisas crueis que tinha de fazer, — a volta á casa solitaria, o encontro com o Machado, os passos a dar para arranjar testemunhas — lhe pareciam outros tantos esforços intoleraveis, como penedos que as suas pobres mãos jámais poderiam erguer . . . E seria delicioso encostar a cabeça ao muro, e ficar alli n'aquelle banco, morto, liberto, fóra de toda a dôr, tendo sahido da vida com a silenciosa tranquillidade d'uma luz que finda.

Um momento pensou no suicidio. E não o aterrava nem o fazia estremecer a idéa de se matar. Só-

mente o procurar uma arma, o dar um passo para se atirar ao rio, eram ainda esforços, iniciativas que lhe repugnavam n'aquelle desfallecimento de toda a vontade. Desejaria morrer alli, sem se mover. Se uma palavra bastasse, uma ordem dada baixinho ao seu coração, para que parasse e arrefecesse, diria essa palavra tranquillamente . . .

E talvez, quem sabe, ella chorasse, talvez lhe sentisse a falta . . .

Mas o outro ?

E a esta idéa, á idéa do outro, a resolução voltou-lhe ;—uma energia, vaga ainda, bastante comtudo para que se erguesse, continuasse o seu caminho. Sim, bem contente ficaria o outro, se elle desapparecesse para sempre, essa noite. Sentiria um completo allivio ! Durante uns dias, mostrar-se-ia pezaroso, talvez se sentisse realmente perturbado. Mas de-

pois continuaria a vida: a firma passaria a ser Machado & C.ª. Elle teria outras amantes, continuaria a frequentar os theatros, a pôr *cire-à-moustache* no bigode... Este detalhe irritou-o. Isto não era justo! Fôra o outro que causara todas aquellas ruinas, a destruição d'uma bella felicidade... Era o outro que devia morrer! Era Machado que devia desapparecer; era Machado que se devia matar! Isso, sim, seria mais justo.

E as coisas seriam o contrario: a firma continuaria a ser Alves & C.ª, elle poderia, mais tarde, reconciliar-se com sua mulher, e a vida seguiria, resignada e calma... Era assim que devia ser. Deus, olhando para um, olhando para o outro, medindo os meritos e as culpas de cada um, devia fazer desapparecer o Machado, inspirando-lhe a elle a idéa do suicidio!

E então, d'estas duas imaginações absurdas que se balançavam no seu espirito perturbado — o seu suicidio, o suicidio do outro — uma idéa surgiu, como faisca viva d'entre duas nuvens pesadas, uma idéa nitida em todos os seus detalhes, que lhe pareceu justa, realisavel, a mais conveniente, a unica digna: propôr ao Machado que um d'elles se suicidasse!

Mas n'esse momento, alguma coisa de familiar nas casas junto das quaes caminhava, fez-lhe sentir que voltara inconscientemente para junto da sua porta. Parou, todo tomado pela idéa de Ludovina, contemplando a casa. Com o seu bico de gaz defronte, ella punha, entre os dois altos predios, a decencia da sua fachada aceiada, pintada d'azul No seu andar tudo estava apagado Estaria ella ainda alli? Teria o pae

vindo buscal-a ? E uma angustia terrivel fazia-lhe bater o coração. Um momento desejou que ella lá estivesse, pensou na possibilidade de perdoar, tanto o aspecto d'aquellas janellas vazias o aterrava. Mas logo sentiu que em frente d'ella, d'ahi por deante, ficaria gelado, constrangido . . . Não ! Melhor seria que nunca mais se vissem !

Então, uma curiosidade levou-o a casa do sogro, ao fim da rua. Ahi era o alto predio desleixado, sujo. No terceiro andar do sogro, as janellas abertas respiravam a frescura da noite, mas de lá nenhuma luz sahia. Nem uma nem outra d'aquellas fachadas mudas lhe respondiam, lhe tiravam o peso da horrivel inquietação.

Voltou a casa ; empurrou o portão. A escada tapetada dormia na luz quente do bico de gaz e o som

abafado dos seus passos pareceu-lhe repercutir-se n'um logar deserto e concavo. Do segundo andar, vinha um som vago de piano, uma coisa do *Fausto*. A gente de cima era feliz, tocava piano!

A cozinheira veio abrir, e o que quer que fôsse no seu modo revelou logo a Godofredo que Ludovina partira.

Na sala de jantar, sobre o oleado da mesa, ardia uma vela. Elle tomou-a e entrou no quarto de dormir. Viu logo a mala fechada, o bahú . . . Mas havia ainda por todo o quarto objectos d'ella: as suas chinelinhas junto da cama, e sobre a *chaise-longue*, estendido, o chambre branco que ella trazia de manhã . . .

Quando pousou a vela sobre o toucador, o seu rosto appareceu-lhe no espelho, pallido, envelhecido, fi-

tando-o com um ar estranho de ruina e de abandono...

Vagamente, tomou de novo a vela, foi á sala de visitas. Ahi ficara um ar de catastrophe: a pelle de raposa enrolada para um lado; sobre a mesa, defronte do sofá, a garrafa de vinho do Porto, e, na borda d'um prato, apagada, uma ponta de charuto. Deante d'aquella ponta de charuto, o charuto do outro, uma colera surda invadiu-o; pareceu-lhe sentir-se esbofeteado por forte mão de ferro; teve o estremecimento d'um insulto maior, e jurou ser de bronze, nunca perdoar, mandar elle mesmo as malas embora, e vêr o outro aos seus pés, morto... ou morrer elle!

Mas immediatamente resolveu resistir áquelle estado de perturbação, d'inquietação. Quiz que no seu espirito reinasse a ordem, que tudo

na casa retomasse o seu ar regular e calmo. Ella partira ; as suas malas seguiriam n'essa noite.

D'ahi por deante era um viuvo, mas o andamento da casa continuaria, sem desordem, serenamente.

Gritou logo pela Margarida :

— Então hoje não se janta n'esta casa ? São estas horas e a mesa não está posta ?

A creatura olhou para elle, como espantada de que elle quizesse jantar, de que se tornasse a jantar n'aquella casa. Ia de certo responder qualquer coisa, mas elle fitou-a d'um modo tão firme, que ella sahiu d'esguelha, enfiada, e d'ahi a momentos punha a mesa, apressando-se, mostrando zelo, como se quizesse fazer perdoar a sua vaga cumplicidade. Pôz mesmo na mesa tudo o que continha o cesto — a empada, o fiambre, o queijo da serra . . .

Godofredo, entretanto, fôra para o seu gabinete. Agora aquella idéa que o atravessara bruscamente, ao recolher da amarga caminhada pelo Aterro, voltava-lhe, mais concreta, mais nitida, estabelecendo-se-lhe no espirito, tornando-se o centro de toda a sua actividade interior. Era muito simples : tirarem á sorte, elle e o outro, qual dos dois se devia matar !

E isto não lhe parecia excessivo, nem tragico, nem despropositado. Pelo contrario, era a coisa racional, digna, de mais viabilidade, a unica possivel. Julgava estar raciocinando com a maior clareza, muito friamente Um duello á espada, dois negociantes em mangas de camisa, atirando-se cutiladas desastradas e vãs, parecia-lhe ridiculo, e não era serio trocarem duas balas de pistola, falharem-se ambos,

e, cada um entre os seus padrinhos, voltarem a metter-se cerimoniosamente nas carruagens d'aluguer!

Não. Para uma offensa d'aquellas, só a morte: uma só pistola carregada, tirada á sorte entre elles, disparada á distancia d'um lenço. Mas isto não era realisavel, bem o sentia. Onde encontraria elle testemunhas que consentissem, quizessem partilhar a responsabilidade d'essa tragedia? Debalde lhes explicaria a offensa: o adulterio é uma coisa grave para o marido; os outros consideram-no um fracasso que não pede estes excessos de sangue. Além d'isso, se elle fôsse o morto, bem, acabava-se. Mas se visse cahir o outro aos seus pés, qual seria depois a sua existencia? Teria de fugir, abandonar os seus negocios, recomeçar a sua fortuna n'uma terra estranha. Onde? E depois a

grande difficuldade permanecia : onde encontraria padrinhos que acceitassem taes condições ? Seria então o escandalo, o fallatorio, a verdade toda que se espalharia. Emquanto que do outro modo tudo era facil, secreto, decente, sem incommodos para ninguem. Tiravam á sorte, e aquelle que perdesse, matava-se dentro d'um anno ! Se elle perdesse, não hesitaria um momento, matar-se-ia logo — e não duvidava que Machado fizesse o mesmo. Sim. De certo acceitaria. Como poderia recusar-se ? Deshonrara-o, devia pagar com o seu sangue... Ao mesmo tempo, um vago presentimento dizia-lhe que seria elle o sacrificado...

— Acabou-se, tanto melhor ! — pensou.

Que goso lhe poderia agora trazer a vida, n'aquella casa solitaria, sempre só, não lhe restando sequer

o gosto do trabalho desde que perdia o prazer de gastar ?

Não hesitou mais. Escreveu logo um bilhete secco a Machado, pedindo-lhe para comparecer no dia seguinte, domingo, ás dez horas da manhã, no escriptorio . . . Fechava a carta quando a Margarida lhe veio dizer que estava o jantar na mesa. Tomou rapidamente o chapéu, desceu á rua, deitou a carta na caixa da mercearia, e, quando entrou na sala de jantar, a Margarida e a cozinheira, deante da terrina de sopa que arrefecia, pasmavam d'aquelles modos estranhos do senhor !

A presença da creada incommodava-o. Sentia-a cumplice, confidente d'aquella infamia. Pensou em a despedir. Mas não seria soltar através d'outras casas aquella lingua de sopeira, contando o seu caso e commentando a sua desgraça ?

Preferiu conserval-a, aturar-lhe a presença, manter-lhe o silencio pelo receio de ser despedida.

Tinha desdobrado o guardanapo, destapado a terrina de sopa, quando a campainha retiniu com força.

Margarida foi á porta emquanto Godofredo ficava suspenso, com o coração aos pulos... A rapariga voltou, correndo, e exclamou com o tom com que annunciaria a apparição da Providencia, castigadora e reparadora:

—Meu senhor, é o senhor Netto!

IV

Netto entrou. Ao vêr a mesa posta, a grande empada, o fiambre, e Godofredo de guardanapo entalado no collarinho, com a garrafa ao lado, estacou junto da porta, com o chapéu n'uma das mãos, a bengala na outra, e as sobrancelhas erguidas n'um espanto mudo.

Por fim, murmurou com uma ponta d'amargura :

— Está bem, vejo que não falta appetite !

Godofredo erguera-se logo, e tomando uma vela de cima do aparador, dirigia-se para a sala de visitas. Porém, Netto não consentiu:

— Não senhor, temos tempo de fallar, acabe você de jantar...

Mas Alves, depois de levar á bocca uma colher de sopa, repelliu o prato, tocou a campainha. Netto no entanto pousava vagarosamente o chapéu e a bengala n'uma cadeira, enchendo o silencio que se fizera com a lentidão dos seus movimentos. Netto era alto e fôra em tempos bello homem; conservava ainda um bom perfil a que a extrema pallidez dava um certo ar de finura e de distincção. Sobre a calva negrejavam duas repas de cabello, laboriosamente e singularmente arranjadas; o bigode grisalho parecia cortado rente, a direito, d'uma só tesourada, e os seus menores gestos tinham tanta

affectação de dignidade, que, mesmo n'esse momento, tirando devagar as luvas, parecia estar cumprindo um acto importante da vida official.

A creada no entanto trouxera o cosido, e como ella se demorava em volta da mesa, arranjando, retardando, na esperança d'ouvir alguma palavra, Netto, com um ar d'homem de sociedade, quiz mostrar indifferença, tomou um tom natural, dizendo com simplicidade que estava «um calor de rachar».

— Muito calor — repetiu Godofredo, que, desde a entrada do sogro, recostado na cadeira, puxava a ponta do bigode, sem levantar os olhos da borda da mesa.

Por fim a creada sahiu, com ordem de esperar por outro toque de campainha «para trazer o resto». E logo Godofredo ergueu-se, foi fe-

char a porta. Então Netto, vendo que podia fallar livremente, sentou-se mais á beira da cadeira, ficou um momento pensativo, esfregando os joelhos com as mãos, e começou n'um tom lento, com palavras estudadas, d'intenção eloquente, para impressionar:

— Eu cumpri o meu dever de pae...

Esperou um momento, olhando para o genro, esperando uma interrupção, uma palavra. Godofredo servia-se d'arroz.

Então Netto continuou:

— Cumpri o meu dever de pae, e estou-o cumprindo ainda n'este momento, que é solemne... Logo que recebi a carta, logo que vi que havia cá na casa desintelligencia, vim buscar a minha filha, para dar tempo ao tempo, para que se possam trocar explicações, para que se des-

embrulhe a meada... Quando duas pessoas não estão d'accordo, o melhor é que cada um se safe para o seu lado. De longe, a sangue frio, trata-se tudo melhor. Cara a cara, palavra puxa palavra, vae tudo por agua abaixo...

As palavras solemnes iam-lhe escasseando; e, accumulando as expressões vulgares, excitado, fallou em «*cancaborrada*».

— Emfim — concluiu elle — o que eu quero saber é o que significa todo este escandalo.

Godofredo ouvira em silencio, picando vagamente grãos d'arroz com a ponta do garfo. Estava decidido a não se alterar, a ser respeitoso e rigido. Desprezava o sogro por historias equivocas que sabia d'elle, sobretudo pelos seus sujos amores com a cozinheira. Aquelle ar solemne não o impressionava, e com

duas ou tres palavras seccas ia facilmente dominal-o.

— O escandalo não é mais nem menos do que aquillo que lhe escrevi — disse. — Encontrei sua filha com um homem e mandei-lh'a p'ra casa.

Netto estremeceu. Aquelle tom secco pareceu-lhe um insulto. Ergueu-se com o olho acceso, a calva irritada:

— Ora essa! Ora essa! E se eu a não quizer em casa? Essa não está má! Então casa-se com uma filha-familia, tem-na quatro annos em seu poder, e ao fim de quatro annos — agora, minha menina, volta para a companhia de teu pae? Essa não está má! E se eu não a quizer em casa, meu caro senhor, e se eu não a quizer em casa?

Bracejava, esquecidas todas as precauções, com uma voz que se devia ouvir na cozinha.

Muito friamente, Godofredo respondeu :

— N'esse caso, fica na rua.

Isto acabou de enfurecer Netto.

— Na rua ? Na rua ?

— Perfeitamente. Deshonrou-me, deshonrou a minha casa, aqui não a consinto. . . Faça as suas malas, adeus ! . . . Se o pae, se ninguem a recebe, está claro que fica na rua . . .

Netto não podia acreditar n'esta resolução implacavel. Tinha cruzado os braços e contemplava o genro com um olhar que chammejava :

— Homem, deixe-me olhar para si . . . Deixe-me olhar para si, que o senhor é um monstro ! Então quer o senhor dizer que abandonava sua mulher, que a deixava na rua, sem um canto para se abrigar ?

Tanta palavra torturava Godofredo. Era como o remexer n'uma

ferida que ainda sangrasse. Ergueu-se, querendo acabar a discussão, mas Netto não o deixou abrir os labios, gritou:

— E não se põe assim uma mulher fóra de casa, porque se encontrou só, a receber uma visita!

Godofredo ficou a olhar para elle, com os labios tremulos, sem poder soltar as palavras que lhe estrangulavam a garganta. Era como um horror de dizer alto, alli mesmo, a um sogro, como a tinha encontrado, nos braços do outro. E deante d'este silencio, Netto exaltava-se, triumphando:

— São necessarias provas!... A lei pede o flagrante... O senhor não viu nada, não apanhou uma carta...

Toda a colera de Godofredo fez explosão:

— Cartas infames, senhor! Car-

tas obscenas, senhor! Sabe o que lhe dizia? Que queria ter um filho d'elle! Um filho que eu havia de vestir, de sustentar, d'estimar, de educar... Um filho! E aqui está a educação que o senhor deu á sua filha!...

Netto ficára cabisbaixo. A filha não lhe fallára em cartas. Passou a mão pelas duas repas da calva com um ar atrapalhado, e murmurou depois d'um grande silencio:

— As mulheres, quando lhes chega a veneta, escrevem coisas sem tom nem som...

Godofredo não respondeu. Passeava pela sala, com as mãos nos bolsos; sobre a mesa, o seu prato d'arroz, esquecido, arrefecia.

Netto então bebeu um grande copo d'agua, e subitamente, como quem toma uma resolução, disse a coisa suprema que alli o trouxera:

— Mas, emfim, de que quer o senhor que ella viva ? Eu não tenho para a vestir nem para a calçar . . .

Godofredo parou logo no seu lugubre passeio. Esperava aquillo, estava preparado, tinha a sua resposta prompta, em que pôz um tom de dignidade, d'homem superior ás miserias do dinheiro :

— Emquanto sua filha estiver em casa de seu pae e se portar bem, tem trinta mil réis por mez.

A calva de Netto illuminou-se. Pareceu subitamente satisfeito, toda a sua colera desappareceu.

— É razoavel, é razoavel — disse elle, n'um tom quasi enternecido.

E os dois homens ficaram calados, como se não tivessem mais nada a dizer.

Godofredo tocou a campainha;

a creada acudiu logo, dardejando desde a entrada o seu olhar curioso sobre um e sobre o outro.

— O café — disse Alves.

— E uma chavena para mim, senhora Margarida — juntou o Netto, retomando logo na casa a sua familiaridade de sogro.

Godofredo continuava passeando na sala. Netto sentára-se á mesa e preparava cuidadosamente um cigarro, dando de vez em quando um olhar de lado ao genro. Levou uma eternidade a fazer o cigarro: enrolou-o devagar, gordo, liso, e por fim, mettendo a onça na algibeira, exclamou com um vago suspiro:

— O peior é o fallatorio!

Godofredo não respondeu; o outro petiscou lume, accendeu pausadamente o cigarro.

— E a você, com a sua posição na praça, não lhe faz senão mal...

Godofredo voltou-se, impaciente:

— E de quem é a culpa?

Pois bem, perfeitamente, a culpa não era d'elle, bem o sabia... Mas emfim, o melhor seria evitar o fallatorio. Pelo menos n'aquelles primeiros tempos...

Margarida entrou com o café. Godofredo sentara-se. E remexendo o assucar, um deante do outro, o sogro e o genro estiveram um momento calados. Netto provou o café, deitou-lhe mais assucar; depois, tirou duas fumaças, e voltou á sua idéa:

— Nem para você nem para mim, é bom que se ponham por ahi a fallar...

Então aquellas lentidões, aquellas pausas acabaram por irritar Godofredo:

— E que diabo quer o senhor que eu lhe faça!

Mas Netto conservava agora o seu ar calmo e reflectido. E com voz tranquilla fallou dos seus sentimentos. Elle sempre se tivera por bom pae, e se não fôssem as circumstancias em que estava, não acceitaria a mezada para a filha... Não exigiria nada. Levava-a para casa; lá viveriam todos, e acabou-se... E tudo o que fôsse necessario para fazer cessar o escandalo, fal-o-ia por sua conta.

Godofredo começava a perceber: Netto tinha qualquer outra idéa para lhe apanhar mais dinheiro. Quiz logo as coisas claras:

— Vamos lá a saber, sem mais circumloquios, o que o senhor pensa.

Mas Netto gostava de circumloquios. O melhor meio d'evitar o escandalo era sahir de Lisboa. E a estação favorecia-os, era a epoca dos banhos... Ninguem se admi-

raria que elle fôsse, por exemplo, para a Ericeira, levando a filha casada. Todo o mundo supporia que Alves não a podia acompanhar por causa dos seus negocios... Mas ninguem saberia se elle ia ou não vêr a sua mulher todas as semanas. A idéa era famosa, mas...

Godofredo interrompeu-o:

— Mas quer que eu lhe dê o dinheiro para isso...

— A não ser que eu o vá roubar — confessou o outro muito francamente.

Godofredo reflectiu. Havia alli uma maneira habil d'ir passar o verão para as praias á custa d'elle. Mas ao mesmo tempo a idéa era pratica, matava o fallatorio... Acceitou. E n'um instante, regularam os detalhes. Para o aluguer da casa, jornadas, transporte d'alguma mobilia, Godofredo dava trinta libras,

e nos mezes d'agosto, setembro e outubro, a mezada á filha, para despezas de praia, seria elevada a cincoenta mil réis. E apenas disse isto, ergueu-se, querendo por todos os modos cessar aquella entrevista:

— E não falemos mais n'isto, que tenho a cabeça em agua.

Estava com effeito pallido como um morto, com um começo d'enxaqueca, um desejo de se deitar, de adormecer, de esquecer por muito tempo. Mas Netto, de pé, ainda queria dizer uma ultima palavra. D'ora em deante elle era o responsavel pela sua filha. Confiava em Deus, tinha a certeza, que mais tarde, passado aquelle primeiro desgosto, haveria mais indulgencia de parte a parte, e elles se viriam a juntar . . .

Godofredo negou com um movimento de cabeça, um sorriso dolo-

roso: não, nunca se juntaria com ella...

— O futuro a Deus pertence — disse Netto. — Agora, concordo que é melhor que estejam separados por algum tempo. E era a isto que eu queria chegar: emquanto estiver em minha casa, é como se estivesse n'um convento... Respondo por ella.

Godofredo teve um vago movimento d'hombros. Tudo aquillo lhe parecia palavriado. O que queria agora era estar só. Tocou pela Margarida, mandou-a abrir a porta, alumiar o snr. Netto. Este tomou o chapéu, bebeu, já de pé, o ultimo gole de café, e depois d'apertar a mão ao genro, sahiu, recommendando baixo á creada que tivesse promptas as malas da senhora...

— E ella manda dizer que não lhe esqueça aquelle assucareirito de

prata que lhe deu o padrinho no dia dos annos; o assucareiro é d'ella.

E desceu as escadas regosijando-se d'aquella boa idéa. A filha não lhe fallara do assucareiro. Mas emfim, era d'ella, uma bonita peça de prata, não era mau que recolhesse a casa, tambem.

Fóra, a noite estava abafada, e Netto seguiu para casa, devagar, com o chapéu na mão, calculando as despezas da estada na Ericeira, contente comsigo mesmo. Os banhos iam-lhe fazer bem. Com os cincoenta mil réis por mez podia-se estar com conforto, e como a Lulú não devia apparecer, não havia despezas de *toilettes:* ainda se mettia dinheiro no bolso!

Quando, depois de subir, aos poucos, os seus cento e cincoenta degraus, bateu á porta, foi a Thereza, a filha solteira, que lhe veio

abrir, a correr, com os olhos brilhantes, toda excitada. Ninguem lhe disfarçara a verdade. Sabia já que a Lulú fôra apanhada com um homem, que havia um grande desgosto e que o pae fôra ter uma explicação com o Godofredo.

— Então ? — perguntou ella sofregamente.

— Lá dentro, lá dentro fallaremos — respondeu Netto.

Atravessaram a cozinha, ás escuras, com uma claridade de brasa no fogão onde fervia a chaleira, e entraram na sala de jantar, uma especie de cubiculo nas trazeiras. Sentada á mesa redonda, coberta d'oleado, a creada, a snr.ª Joanna, uma raparigota fresca, com dois brincos ricos de senhora e vestida de merino azul, lia o *Diario das Novidades* á luz d'um candieiro de petroleo; junto ao aparador, na sombra, es-

tendida n'uma cadeira de vime, calada, estava Ludovina.

Quando o pae appareceu, ergueu-se, com os olhos ainda vermelhos, toda vestida de preto. Netto sentára-se, limpando o pescoço com o lenço de sêda. Os olhos das tres mulheres devoravam-no, e como elle não se apressava, gozando a anciedade da familia, foi a snr.ª Joanna que lhe gritou:

— Vamos lá, então, falle!

Elle enrolou devagar o lenço, e respondeu no silencio profundo da sala:

— O Godofredo dá trinta mil réis por mez.

Houve uma vaga respiração d'allivio, correu um fremito de satisfação. Thereza olhava para a irmã, pasmada d'aquelles trinta mil réis, que lhe vinham assim para o bolso por ter sido apanhada com um ho-

mem ! A snr.ª Joanna confessou que era de cavalheiro. Só Ludovina não via alli nada de extraordinario: era o que faltava, que a puzesse fóra da porta sem cinco réis !

Então o pae voltou-se para ella, com a testa enrugada :

— E no fim dizes que não tinhas escripto nada, e elle diz que te apanhou cartas indecentes.

— É mentira — disse ella simplesmente — as cartas não diziam nada, eram uma brincadeira.

Houve um silencio; Netto, com os olhos na borda da mesa, acamava com dignidade as repas da calva. E as tres mulheres continuavam a fital-o, esperando outros detalhes, toda a historia da entrevista.

— E as malas da Lulú, ó papá ? — perguntou Therezinha, que vivia desde essa tarde no desejo de vêr

chegar as malas, de as vêr desfazer, apanhar algum presente.

Mas o papá, seguindo a sua idéa, continuou, sem responder á filha:

— E ficou combinado, para evitar fallatorios, que vamos passar o verão á Ericeira.

Então foi uma explosão d'alegria. Therezinha bateu as palmas. Joanna ria de satisfação — ella que tanto precisava de banhos! Só Ludovina ficava indifferente, com uma sombra de tristeza na face, pensando nos bellos planos de que Godofredo andava ultimamente fallando — os dois mezes d'agosto e setembro passados em Cintra... E foi sentar-se de novo, emquanto Joanna e Therezinha assediavam Netto de perguntas, já com planos, ambas no enthusiasmo d'aquella estação de banhos inesperada. E eram já mil projectos. Therezinha pal-

rava desabaladamente. Joanna lembrava coisas que seria necessario levar: os colchões, a louça de mesa, e o piano, para dar mais alegria. O melhor seria irem todos á Ericeira para alugar a casa. Então Ludovina sahiu do seu silencio:

— E é necessario uma casa em que se caiba... Que para dormir n'um cubiculo como este de cá, não tem geito.

Deante d'esta exigencia, o pae franziu a testa. E não se conteve, disse logo:

— Has-de dormir onde puderes... Se querias os commodos da casa de teu marido, portasses-te bem e ficasses lá.

Houve um silencio embaraçado. Ninguem jámais ousava replicar quando Netto erguia o tom. Então, n'aquella atmosphera de respeito e de susto que se fizera em torno da

sua voz irritada, elle chegou-se mais para a mesa, tirou do bolso um lapis, acavallou as lunetas no nariz, e, sob o candieiro, começou a fazer, na margem branca do jornal, o calculo das despezas da Ericeira.

Toda estendida pela mesa, Therezinha via alinhar os numeros — tanto para casa, tanto para viagem — como uma enfiada de prazeres, que brilhavam por entre os algarismos. Por traz, de pé, Joanna dava a sua opinião. Dentro, na cozinha, a chaleira d'agua fervia... Uma tranquillidade honesta envolvia a casa. E na sombra, Ludovina, calada, como que esmagada deante da existencia que agora a esperava — os incommodos, a má comida, o genio do pae, a auctoridade da creada na casa, tudo quanto a esperava e tudo quanto perdera — amaldiçoava a sua estupidez, cahindo assim nos bra-

ços d'um sujeito que não amava, de quem não recebia prazer, levada áquillo sem razão, por tolice, por não ter que fazer, nem ella sabia porquê!

V

Na manhã seguinte, um raio de sol entrando pela janella despertou bruscamente Godofredo. Ergueu-se sobre o cotovello, e batendo as palpebras na luz crua, ficou espantado de se encontrar alli, n'um sofá, vestido, com as botas calçadas. Então, de repente, a lembrança da sua desgraça cahiu-lhe sobre o coração pesadamente e um véu de crepe pareceu envolver tudo em volta d'elle.

Na vespera, depois da sahida do

Netto, estendera-se alli, morto de fadiga, e adormecera logo d'um somno fundo e pesado. Sentou-se no sofá ; reinava um grande silencio na casa e na rua. O seu relogio marcava seis horas. Em redor, o quarto conservava a desordem da vespera, com as malas ao centro, o chambre de Ludovina atirado aos pés da cama. Deitou um longo olhar áquelle chambre, ao grande leito intacto onde ninguem dormira, com as duas travesseirinhas lado a lado. Depois, como na vespera, percorreu a casa. Na sala de jantar, a mesa tinha ainda a toalha suja, e em cima do aparador uma vela esquecida derretera e extinguira-se dentro do castiçal.

Mas deante da porta da sala de visitas uma covardia tomou-o : não se atreveu a erguer o reposteiro. E voltou para o quarto, tornou a sen-

tar-se no sofá, as mãos ao acaso, o olhar vago, sem saber o que havia de fazer áquella hora matutina em que a cidade, em redor, dormia ainda.

Áquella hora, de certo, Ludovina repousava . . . E recordava-se das manhãs em que ella acordava cedo, se erguia de mansinho e ia abrir uma fresta da janella, com os seus bellos cabellos n'uma rede, as rendas da camisa de noite em volta do pescoço, e as longas pestanas negras pondo-lhe uma sombra na face . . . Agora o leito, hirto, por desmanchar, n'aquella luz clara da madrugada, comunicava-lhe uma sensação amarga de frio e de desconforto . . . Uma tristeza invadia-o, immensa, sem fim, que lhe dissolvia a alma, lhe dava vontade de deitar a cabeça para o canto do sofá, ficar alli, morrer. E a mesma idéa da vespera, a idéa da morte, voltava,

insinuando-se-lhe no espirito. com a lenta suavidade d'uma caricia . . .

Pensou então que d'ahi a horas tudo estaria resolvido — e talvez elle fôsse um homem morto. Era ás dez que elle se devia encontrar com o outro. O coração bateu-lhe á idéa de que o ia vêr outra vez deante de si : parecia-lhe impossivel imaginal-o n'outra attitude, que não fôsse aquella em que o vira, com o braço em torno da cinta d'ella.

Comtudo, agora, a idéa da vespera — o suicidio tirado á sorte que se lhe afigurara tão natural — causava-lhe um certo espanto. Parecia-lhe estranho que fôsse elle, elle, Alves, que alli, n'aquella casa da Rua de S. Bento que o sol da manhã dourava, tivesse tido aquella idéa tragica e propria d'um coração violento. Tomava-o uma inquietação. Que diria o outro a se-

melhante proposta ? Se recusasse ? E outras difficuldades de detalhe surgiam. Como tirariam a sorte ? Com papeis brancos ? E subitamente veio-lhe o receio de que, deante d'uma idéa tão exaltada, o outro apenas se risse... N'esse caso, esbofeteava-o ! Mas não era possivel ; não : não podia recusar ; era um homem d'honra ! Não queria duvidar : aquella idéa occupava-o, impedia-o de soffrer, dava-lhe uma especie de consideração por si mesmo, attenuava-lhe o ridiculo da sua situação.

D'ahi a pouco, sentiu passos na cozinha ; as creadas tinham-se erguido. Da rua um rumor ia subindo, vozes de pregões, carroças que passavam, o sussurro confuso d'uma cidade que acorda.

E então, pouco a pouco, insensivelmente, Godofredo foi entrando

na rotina diaria; pôz os botões na camisa lavada, afiou a navalha de barba... Mas aquella grande mala no meio do quarto incommodava-o...

De repente, lembrou-se que devia fazer o seu testamento. Immovel deante do espelho, com metade da cara ensaboada, ficou revolvendo aquella idéa. E um vago espanto, uma estranheza, tomavam-no de estar alli, no seu quarto, em mangas de camisa, pensando friamente na morte. Porque agora, gradualmente, todas as idéas que na febre da vespera lhe tinham parecido simples e faceis, iam tomando, n'aquella luz clara da manhã, entre a rotina da sua *toilette*, um aspecto pouco natural, falso, que repugnava ao lado positivo do seu caracter.

Ás oito horas, a campainha retiniu. Foi escutar: no patamar vo-

zes de mulher cochichavam. Depois a creada andou para dentro e para fóra. Percebeu que era a creada do Netto, mas não ousou fazer perguntas nem indagar o que ella queria.

Depois, foi o almoço. Godofredo devorou. Estranhou mesmo a falta do fiambre na mesa, e a creada, ao trazer-lh'o, informou-o de que a senhora mandaria á tarde pelas malas. Godofredo não respondeu. Detestava cada vez mais a Margarida, que parecia continuar a zelar os interesses da senhora, recebia os seus recados, era ainda a sua confidente; e como faltava o assucareiro, foi aspero, exagerou aquella falta, ameaçou-a de a pôr na rua; e como a rapariga sahia resmungando, berrou, irritado:

— Pouco barulho!

A cada momento sentia o cora-

ção apertar-se-lhe á idéa de se encontrar com o outro. Mas eram horas. No terror de atravessar a rua onde talvez já se fallasse na sua desgraça, mandou buscar uma tipoia. A creada tardou. O tempo passava. E elle, nervoso, com febre, ia da janella para a cancella, calçando as luvas, com uma estranha impressão de que o soalho que pisava era molle e cedia sob os seus pés. Por fim, o coupé chegou, e elle desceu, com a garganta apertada n'uma angustia horrivel. A voz sumia-se-lhe quasi ao dar a direcção do escriptorio ao cocheiro.

Uma vez a caminho, pareceu-lhe que a carruagem voava, e n'aquella emoção. ia-se-lhe embrulhando o estomago, o almoço subia-lhe á garganta.

Emfim, chegou; e na sua atarantação, não encontrava na algibeira

uma placa de cinco tostões para pagar ao cocheiro.

O escriptorio dormia no grande silencio do dia feriado, e quando elle empurrou o batente de baetão verde, o relogio batia dez horas, n'aquelle tom cavo a que os tectos baixos davam uma sonoridade dolente e triste. Correu ao seu gabinete: parecia-lhe que não entrara alli desde seculos, e que havia o que quer que fôsse de mudado nos moveis e na ordem das coisas. No seu vaso, o ramo de flores acabava de seccar.

Então, bruscamente, uma reacção fez-se no seu ser. Deante d'aquelles moveis, d'aquellas duas carteiras de socios, uma ao pé da outra, lembrando-lhe uma intimidade, uma confiança d'annos, apossou-se d'elle uma colera terrivel. Sim, o Machado era um infame que merecia a

morte! E cada objecto, as paredes mesmo, como que embebidas da honra commercial que alli habitava, eram uma accusação muda contra a traição do socio.

De repente, um passo leve soou fóra: era o Machado.

Godofredo, instinctivamente, refugiara-se por traz da sua carteira, remexendo papeis ao acaso com as mãos tremulas, sem ousar erguer os olhos.

O batente abriu-se, e Machado entrou, pallido como um morto, com o chapéu e a bengala n'uma das mãos, a outra no bolso das calças, fazendo uma saliencia suspeita.

Mas Godofredo não via isto. O seu olhar errava aqui e além, sem ousar fixal-o, e procurava uma palavra, uma coisa profunda e digna a dizer. Por fim, com um esforço, encarou o socio, e aquella mão no

bolso feriu-o logo ; teve mesmo um gesto instinctivo, receando uma arma, um ataque. Machado comprehendeu. Lentamente, retirou a mão do bolso e foi collocar o chapéu e a bengala sobre a sua carteira. Então Godofredo, tremulo, na pressa, na ancia de quebrar aquelle silencio, balbuciou esta coisa lamentavel :

— Depois do que se passou hontem, não podemos continuar a ser amigos . . .

Machado que trazia na face contrahida uma expressão d'anciedade, cerrou os olhos, respirou mais livremente. Esperava uma violencia, alguma coisa terrivel, e aquella moderação, aquelle gemido triste d'uma amizade trahida, espantaram-no, quasi o impressionaram. N'esse momento, desejou poder lançar-se nos braços do socio, e foi com uma emo-

ção sincera, um soluço na garganta, que respondeu:

— Infelizmente, infelizmente...

Então Godofredo fez-lhe signal que se sentasse, e com a cabeça baixa, Machado foi pousar-se á borda do sofá de reps verde.

Godofredo deixára-se cahir como uma massa inerte sobre o mocho, junto á carteira. E durante uns momentos um silencio profundo reinou, mais profundo ainda n'aquella rua de negocio, adormecida ao domingo, sob a calma.

Godofredo passava a mão tremula pela face, procurando as palavras.

O outro esperava, fitando a esteira.

— Um duello entre nós é impossivel — disse por fim Godofredo com esforço.

O outro balbuciou:

— Estou ás suas ordens; disponha . . .

— É impossivel — repetiu Godofredo. — Riam-se de nós . . . Sobretudo esses duellos que para ahi ha... Era cahir no ridiculo . . . Não podemos, na nossa posição . . . Toda a praça se ria d'um duello entre socios . . .

Calou-se durante um momento, trabalhado por aquella idéa de que eram socios, e todo o passado que os ligava pareceu erguer-se deante de Godofredo. Nunca sentira tão vivamente a infamia do Machado, como vendo-o alli, n'aquelle gabinete, onde, durante tres annos, tinham trabalhado juntos.

E desabafou :

— A sua infamia não tem nome!...

Tinha-se erguido. a sua voz fortalecia-se; o seu sentimento d'amigo trahido dava-lhe agora uma digni-

dade, uma solemnidade que esmagava o outro. E atirava-lhe as palavras como bofetadas: conhecera-o de pequeno; fôra elle que o protegera no começo da vida; dera-lhe sociedade no seu negocio; abrira-lhe as portas da sua casa, recebera-o lá como um irmão!

— E pelas minhas costas, o senhor que faz? Deshonra-me!

O outro erguera-se com a face angustiada, querendo acabar com aquella tortura.

— Sei tudo isso — balbuciou — e estou prompto a dar-lhe todas as reparações, todas, quaesquer que sejam.

Então Godofredo, exaltado, atirou a sua idéa:

— A reparação é só esta: um de nós tem de morrer... Um duello é absurdo... Tiremos á sorte qual de nós se ha-de matar!

Aquellas palavras patheticas, apenas as soltara, tinham-lhe apparecido como sons estranhos e desconnexos. A atmosphera placida do escriptorio, os proprios moveis, pareciam repellil-as. Mas soltara-as, essas palavras, e sentia um allivio immenso, tendo emfim desembaraçado a alma d'aquella idéa que desde a vespera lh'a enchia de perturbação e de tormento.

Machado ficára a olhar para elle, com os olhos esgazeados :

— Tirar á sorte ! Como tirar á sorte ?

Parecia não comprehender. Aquelle suicidio, tirado á sorte, afigurava-se-lhe qualquer coisa de grotesco e de doido.

E como Godofredo continuasse de pé, junto da carteira, sem dizer nada, mexendo nervosamente no bigode, impacientou-se, exclamou :

— Mas isso é serio? Isso é dito a serio?

Foi então Godofredo que olhou para elle, interdicto. O que elle receiara, realisava-se. Machado achava aquillo absurdo, recusava. E o seu furor cresceu, como se visse escapar-lhe a vingança.

— Já hontem o senhor fugiu, quando o apanhei, fugiu covardemente. Agora, quer fugir a isto tambem...

O outro gritou, livido:

— Fugir a quê?

Uma colera surda invadia-o, accendia-lhe os olhos. Todas as accusações do outro o tinham exasperado. Depois, vinha aquella proposta absurda d'um suicidio tirado á sorte. Agora insultava-o. Não! Isso não o toleraria! E já excitado:

— Fugir de quê? — gaguejou —

fugir de quê? Eu não fujo de coisa nenhuma...

— Então — interrompeu Godofredo, batendo com a mão na secretária — tiremos já aqui, á sorte, qual dos dois ha-de desapparecer!

O outro encarou-o um momento, com um odio frio, como se o fôsse esganar. Depois, agarrou vivamente no chapéu e na bengala, e junto da porta, n'uma voz mordente, decidida, que vibrava:

— Eu estou prompto a dar-lhe todas as reparações, e com todo o meu sangue... mas ha-de ser d'um modo sensato e regular, com quatro testemunhas, á espada ou á pistola, como desejar, a que distancia entender, um duello de morte; tudo o que quizer; estou ás suas ordens. Hoje todo o dia, ámanhã todo o dia, lá espero, em minha casa. Mas com idéas de doido não me enten-

do . . . E não temos mais que conversar!

Atirou com o batente, os seus passos furiosos soaram um momento fóra, e tudo recahiu n'um grande silencio.

E Godofredo ficou só, com as ruinas lamentaveis da sua grande idéa, humilhado, confuso, encavacado, com as fontes a latejar, e sem saber o que havia de fazer!

VI

Por fim. tal qual como fizera o Machado, agarrou vivamente no chapéo e abalou do escriptorio. Ia tão estonteado que só na rua do Ouro se lembrou que não fechara a porta á chave. Voltou atraz, e isto pareceu pôr alguma ordem nas suas idéas.

Estava decidido a bater-se com o socio, n'um duello de morte, e nenhuma coisa no mundo parecia dever satisfazel-o, senão vêr o Machado aos seus pés, com uma bala no coração.

Pois quê? Aquelle homem deshonrava-o, roubava-lhe o amor da sua mulher, e agora, ainda por cima, tratava-o como um insensato, chamava-lhe doido! E isto sobretudo o enfurecia, porque elle agora sentia vagamente que n'aquella idéa de suicidio á sorte, havia effectivamente qualquer coisa d'absurdo! Sim, talvez houvesse! Mas o outro não lh'o devia dizer, devia acceitar tudo, resignar-se á reparação que elle exigisse.

Não quizera? Reclamara uma reparação regular e sensata? Pois bem assim seria: bater-se-iam á pistola — mas com uma das pistolas carregada e a outra não, tiradas á sorte, apontadas á distancia d'um lenço. Era ainda o acaso, era ainda a sorte, era ainda deixar tudo na mão justa de Deus!

Entretanto seguia rapidamen-

te para o Rocio, onde morava o seu amigo intimo, o Carvalho, aquelle que fôra director da Alfandega de Cabo-Verde e casara rico.

Era elle o primeiro a quem se dirigia. Contar-lhe-ia tudo, entregando-se á sua velha amizade. Depois iriam procurar o seu outro grande amigo, o Telles Medeiros, homem de fortuna e de sociedade, que tinha panoplias de floretes na sala e a experiencia do ponto d'honra.

Dava meio dia; o sol de Julho abrazava as ruas; e as lojas fechadas, a gente nos seus fatos domingueiros, as carruagens de praça abrigadas no lado da sombra, augmentavam a sensação de calma e d'inercia. Uma poeira subtil embaciava o azul luminoso e um som de sinos arrastava pesadamente no ar molle.

Quando Godofredo trepava a escada do Carvalho, topou justamen-

te com elle, que descia, satisfeito e fresco, no seu fato novo de cheviote claro, calçando as luvas *gris-perle.*

A figura esbaforida, o ar afflicto de Godofredo assustaram-no, e tornou logo a subir, abriu elle mesmo a cancella com o trinco, fêl-o entrar n'um pequeno gabinete onde havia uma estante e uma longa cadeira de vime em fórma de leito de campanha. Ao lado, alguem tocava piano, um movimento rapido de valsa, que fazia vibrar a casa.

Carvalho correu o reposteiro, fechou a janella, e só depois perguntou «o que era?»

Godofredo pousara o chapéu a um canto da mesa, e immeditamente desabafou, d'um jacto.

Ás primeiras palavras — sofá, braço pela cintura — Carvalho,

que tirava lentamente as luvas, ficou petrificado, no meio do gabinete; e foi correr mais hermeticamente o reposteiro, como se receasse que a historia d'aquella traição espalhasse uma exhalação indecente através da respeitabilidade do seu predio. Mas na atrapalhação com que Godofredo contava a sua historia, na sofreguidão com que o outro escutava, não se chegava bem a perceber quem era o homem; Carvalho comprehendia apenas que Machado estava presente; e quando descobriu que o homem do sofá era o proprio Machado, bateu as mãos uma contra a outra com uma exclamação d'horror:

— Que infamia!

— Um homem que era como um irmão para mim — repetia Godofredo, baixando a voz, brandindo os punhos. — E paga-me assim!

Não! Tem que haver morte. Quero um duello de morte...

Então todo o rosto barbudo de Carvalho exprimiu uma subita inquietação. Agora percebia: Godofredo não viera alli só para desabafar: viera arranjar uma testemunha! E tomou-o logo um vago susto de burocrata, um medo da lei, o receio de se compromettter. O seu egoismo revoltou-se deante das coisas violentas e perturbadoras que presentia. Quiz attenuar, procurou explicações. Emfim, se Godofredo não vira mais nada... e era só estarem na sala... Podia ser uma brincadeira, uma tolice...

Godofredo, febrilmente, rebuscava nos bolsos. O piano, dentro, cahira agora n'um vago de sons incertos, como de dedos que tenteam, procuram uma melodia esquecida; de repente um bocado do *Rigoleto*

rompeu, com um arranque gemido e soluçante. E Godofredo que achára emfim o que procurava pôz deante dos olhos de Carvalho uma carta de Ludovina. O outro leu a meia voz:

— «Riquinho da minha alma, que tarde a d'hontem . . .»

E como se aquellas palavras, lidas assim por outro, lhe parecessem mais infames ainda, Godofredo não se conteve, elevou a voz, gritou:

— Não! Isto só com sangue; é necessario um duello de morte! . . .

Carvalho, inquieto, fez-lhe signal que se calasse. E como o piano parára um momento, ficou escutando, no receio de que os gritos do outro tivessem sido ouvidos.

— É a Marianna — disse, indicando a sala. — Por ora, é melhor que ella não saiba.

E voltou a lêr a carta lentamente. Apalpava o papel, revirava-o, con-

servando-o nos dedos com uma curiosidade excitada, como se sentisse alli o calor do «adulterio» . . . Mas Godofredo continuava a procurar pelas algibeiras, descontente por ter esquecido as outras cartas : porque havia outras ainda peiores ! E contou phrases, exhibiu toda a tolice, todo o descaramento de Ludovina, tomado agora do desejo de convencer bem o Carvalho de que a sua mulher era uma prostituta !

— De resto, elle não negou, disse a tudo que sim !

— O quê, vocês fallaram ?

Então, depois d'uma hesitação, Godofredo completou a confidencia. Contou a sua idéa de suicidio á sorte, o encontro com o Machado . . . E Carvalho, que se deixára cahir por cima do sofá, como quebrado, esmagado por todas aquel-

revelações, abria uns grandes

olhos na face queimada pelo sol de Cabo Verde, no espanto de que aquellas coisas violentas e terriveis se tivessem realmente passado e fôssem ditas alli, no seu predio tranquillo do Rocio.

Quando Godofredo contou que o Machado achára aquillo insensato, Carvalho não se conteve:

— De doido! De puro doido! — exclamou, erguendo-se.

E gesticulando pelo estreito gabinete, procurava um termo, uma phrase para classificar aquillo; fallou ainda de «doidice» e terminou por dizer que semelhantes coisas só se viam no *Rocambole!*

— Vem a dar na mesma — disse Godofredo. — Porque eu exijo que o duello seja á pistola, mas uma só carregada e tirada á sorte...

Carvalho deu um pulo:

— Uma só pistola, á sorte? Mas

isso é um assassinato ! Não, escusas de contar comigo ! Não ha motivo para isso . . Mas nem que houvesse, n'uma d'essas não me mettia eu !

Vendo-se abandonado, Godofredo revoltou-se. Então, n'aquella crise terrivel, elle, o seu melhor amigo, deixava-o assim ficar mal ? De quem se havia de valer ? A quem havia de confiar a sua honra ?

O outro despropositou. Fallou outra vez d'assassinato, de crime, de prisão, e terminou por dizer :

— Se tu me viesses convidar para deitar fogo ao Banco de Portugal, achas que eu devia acceitar ? . . .

Godofredo queria explicar que não era a mesma coisa ; as duas vozes elevavam-se, entremeadas, quando um silencio do piano os fez calar subitamente. Uma discussão

estalara na sala ao lado; as vozes subiam tambem, havia uma altercação, em que as palavras «saia branca», «sua porca», «a senhora não disse nada», chegavam com um tom irritado. Durante um momento Carvalho escutou. Depois encolheu os hombros: havia de ser algum novo desleixo da creada, uma desavergonhada que tinham havia um mez, e que não fazia nada de geito. Depois, ouvindo bater uma porta, dentro, não se conteve, foi vêr.

Godofredo ficou só um momento, e sentiu um grande cansaço invadil-o. Desde a vespera que os seus nervos vibravam, retezados como cordas d'uma rebeca muito afinada. Tudo até alli lhe parecera facil e a sua vingança segura. Mas agora, um depois do outro, recebia dois choques a seguir. Machado não quizera o suicidio á sorte; este não

queria o duello de morte! E alguma coisa dentro d'elle começava a afrouxar, como se a sua alma se fôsse cançando de se conservar durante tantas horas n'uma attitude sombria de vingança e de morte. Tinha um começo d'enxaqueca, a enxaqueca que desde a vespera o ameaçava. Então sentou-se no sofá com a cabeça entre as mãos e um longo suspiro levantou-lhe o peito.

Carvalho voltou vermelho e excitado. Tinha havido uma scena; elle puzera fóra a creada. E então destemperou: queixou-se d'aquella má sorte que o não deixava ter uma creada decente... Tudo uma sucia de desavergonhadas, porcas, e que o roubavam. Tinha saudades das pretas — não havia nada como as creadas pretas.

Godofredo interrompeu-o:

— E então, dize lá, que pensas

tu de tudo isto? — perguntou com ar desanimado.

Carvalho encolheu os hombros:

— O melhor é deixar tudo como está, tua mulher em casa do pae, tu na tua, e o que lá vae, lá vae...

Mas um remorso tomou-o, quiz mostrar coração, acrescentou:

— Em todo o caso, conta comigo para tudo... Lá um duello regular, á espada, ou mesmo á pistola, para salvar a honra, sim senhor. Cá estou. Lá coisas tragicas, não!

Godofredo disse então, tomando o chapéu:

— Vamos vêr o que diz o Telles Medeiros, vamos a casa do Telles Medeiros.

Carvalho ficou contrariado. Ia passar o dia a Pedrouços com a mulher, a casa dos sogros. Fazia annos o cunhado... Mas emfim,

n'um caso d'aquelles, era necessario fazer alguma coisa pelos amigos.

— Vamos lá ; deixa-me avisar a Marianna que não posso ir . . .

E quando voltou d'ahi a pouco, calçando as luvas, trazia um ar desagradavel e irritado. Já na escada, parou, e voltando-se para Godofredo que o seguia :

— Sabes que minha mulher está d'esperanças, hein ? . . . Um susto póde ser fatal, e se ella sabe que sou padrinho d'um duello . . . Não é brincadeira . . . Emfim, vamos lá . . . Os amigos são para as occasiões . . .

Em baixo tomaram uma carruagem, porque o Medeiros morava lá no inferno, adiante da Estrella. Era um coupé quasi novo, fôfo e aceado, que rolava sem ruido E Carvalho, de melhor humor, recostou-se acabando de abotoar as luvas.

Durante algum tempo não trocaram palavra. Só quando o coupé atravessava o Loreto, uma grande curiosidade pareceu invadir subitamente o Carvalho. Godofredo poucos detalhes dera. Que tinha dito Ludovina? Como soubera elle do caso? Que dissera o Netto?

Godofredo, com um ar fatigado, em palavras curtas, completou a sua historia.

O outro desaprovava a mezada de trinta mil réis: era «uma gratificação dada á infamia». E vendo Godofredo, com um ar abatido, que, n'uma emoção, mordia os beiços, os olhos rasos de lagrimas, murmurou vagamente:

— Esta vida é uma choldra!

Não trocaram mais palavra até casa do Medeiros.

Quando tocaram a campainha, o creado que lhes veio abrir disse-

lhes que o senhor Medeiros ainda estava na cama.

Então Carvalho subiu a escada, penetrou no quarto de Medeiros, muito intimo, fazendo barulho, chamando-lhe mandrião e debochado. Atraz ia Godofredo, topando com os moveis, na escuridão do quarto.

Da sombra dos cortinados a voz mal humorada do Medeiros perguntava que invasão era aquella, e quando lhe abriram a janella, berrou, enterrou-se nos lençoes, não podendo supportar bruscamente a claridade forte do dia. Mas acabou por mostrar a cara estremunhada, inchada de somno; depois, espreguiçou-se, ergueu-se sobre o cotovello, e deitou a mão a um cigarro, que estava sobre a mesa de cabeceira.

Carvalho, sentára-se aos pés da cama, e durante um momento fallaram d'aquellas preguiças do Me-

deiros ; elle explicou que se deitára ás cinco da manhã . . .

Então Carvalho começou :

— Nós vimos aqui para um negocio muito grave . . .

O outro interrompeu-o, dando um berro pelo creado. Queria saber se viera uma carta pela manhã. O rapazote trazia-a na algibeira. Medeiros, sentado na cama, com o cabello todo esguedelhado, abriu-a, nervoso, percorreu-a d'um olhar rapido, e dando um suspiro d'allivio, metteu-a debaixo do travesseiro.

— Caramba, ia sendo hontem apanhado. Por um segundo . . . E se o marido entra na cozinha, que é logo ao lado da porta, lá se ia tudo quanto Martha fiou ! Irra, que não ganhei para o susto !

Carvalho e Godofredo tinham trocado um olhar, e Carvalho teve esta phrase infeliz :

— Pois é por uma coisa d'essas que nós cá vimos...

E acrescentou:

— O Alves teve um desgosto.

E deante do olhar arregalado do Medeiros, Godofredo sentiu-se subitamente suffocado pelo sentimento do seu ridiculo... Viu-se pertencendo a essa tribu grotesca dos maridos trahidos que não podiam entrar em casa sem que, de qualquer canto, escapasse algum amante... E era assim por toda a cidade, uma infamia pelos cantos — amantes que fugiam e amantes apanhados... Elle apanhára um... O outro teria sido apanhado se o marido tivesse entrado na cozinha — e parecia-lhe vêr por toda a cidade esta sarabanda de amantes e de maridos, uns escapulindo-se, outros tentando apanhal-os, um *chassez-croisez* d'homens, perseguindo-se em torno das

saias das mulheres! E de novo sentiu uma fadiga invadil-o, um horror de tornar a contar a sua historia lamentavel.

Mas os olhos de Medeiros, a face de Medeiros, esperavam, reclamavam, e elle terminou por dizer, com um olhar estranho:

— Foi hontem. Apanhei a Ludovina com o Machado.

— Caramba! — exclamou Medeiros, dando um pulo na cama.

E deitando fóra a ponta do cigarro, tomando vivamente outro, quiz saber os detalhes...

Foi Carvalho que os deu, fallador agora, gozando o seu papel, detalhando o caso, com aquella confiança de marido d'um estafermo rico que ninguem jámais tentará.

Contou tudo, emquanto, esmagado em cima d'uma cadeira, com o chapéu alto ainda na mão, Go-

dofredo ia approvando com a cabeça.

— Deixa vêr a carta — terminou por dizer o Medeiros.

E Godofredo de novo a tirou do bolso, e pela segunda vez ouviu uma voz estranha murmurar aquellas palavras da sua mulher: «Riquinho da minha alma, que tarde a d'hontem . . .»

Medeiros, em camisa, repetia a phrase, lembrando-se dos olhos negros de Ludovina, do seu corpo de rainha, já acceso, palpando o papel, revirando-o em todos os sentidos, como fizera o outro. E, subitamente, veio-lhe um furor terrivel contra o Machado. Que diabo, já era ser canalha! Emfim, ella tinha culpas no cartorio — que diabo, quando ellas queriam não se podia ser José do Egypto . . . Mas nunca com a mulher d'um amigo

intimo, e de mais a mais, d'um socio . . .

— Isto pede sangue — disse elle, excitado, saltando para o meio do quarto em camisa, com os pés nos chinelos.

Godofredo exclamou logo, resalvando a sua coragem :

— Eu queria um duello de morte, mas este diz que não . . .

Então Carvalho appellou para o amigo Medeiros. Era porventura razoavel a idéa d'uma só pistola carregada, escolhida ao acaso ?

Medeiros olhou para elle, depois para Godofredo, espantado. Não. De certo que não ! Nem havia motivo para isso, nem . . .

Era a segunda vez que Godofredo ouvia aquella razão de que não havia motivo. E então barafustou :

— Não ha motivo ! Não ha motivo ! Então qual é o motivo bas-

tante forte para que dois homens se matem ? . . .

— Um escarro na cara, ou uma coisa d'essas — disse Medeiros com auctoridade.

E, ainda em camisa, dava á pressa uma penteadella no cabello.

Godofredo queria argumentar, mas o outro, voltando-se com o pente na mão, pôz ponto na questão :

— Mesmo que houvesse motivo, eu, uma coisa d'essas, não acceito. N'uma d'essas, não me metto . .

— Ahi tens tu ! — exclamou Carvalho triumphante. — Que te dizia eu ? Ninguem quer uma responsabilidade d'essas. Eu de mais a mais com a mulher d'esperanças . . . Olha que brincadeira !

Alves ficou abatido. E todavia, no fundo do seu coração, sentia um começo d'allivio, como se parte d'aquella indecisão em que estava desde

a vespera desapparecesse e alguma coisa se fixasse. Agora, estava decidido que não haveria sortes nem acasos ; que não haveria morte d'homem ; e em toda aquella atarantação em que até alli vivera, isto formava um ponto fixo, uma base, uma decisão em que se podia apoiar. E não era elle que assim decidia ; eram os seus melhores amigos, que raciocinavam a sangue frio...

Mas em todo o caso, posta de parte a morte d'um d'elles, alguma coisa se havia de fazer.

— Que me aconselham então vocês ? Que se ha-de fazer ? Eu não hei-de ficar assim, de braços cruzados...

Medeiros, então, de pé no meio do quarto, em camisa, com as canelas magras á mostra, os pés encafuados n'uns grandes chinelos, exclamou com solemnidade :

— Queres pôr a tua honra nas minhas mãos ?

Está claro que queria ; não estava alli para outra coisa . . .

— Bem — exclamou Medeiros. — Então não tens nada mais em que pensar. Deixa-te levar ; nós arranjamos tudo.

E foi para dentro, para um cubiculo, onde o ouviram lavar os dentes, bochechar, fazer uma tempestade dentro da bacia.

Godofredo porém não parecia satisfeito ; approximou-se da porta do cubiculo, quiz ainda saber . . .

— Não tens nada que saber — exclamou o outro de dentro, lavando-se n'um ruido d'esponja e d'agua.

— Nós tambem não podemos saber . . . Temos d'ir primeiro ao Machado, vêr o que elle diz, entendermo-nos com as testemunhas d'elle, etc. . . . Tu, vae para casa, e não

saias até que nós appareçamos... E deixa-nos ahi a tipoia, ouviste, para dar esses passos todos... Domingos! escova a sobrecasaca preta, e calças pretas... Tudo preto...

Ouvindo isto, Carvalho deu um olhar ao seu proprio fato de cheviote claro. Mas elle não era d'essas pieguices de *toilette:* com uma camisa lavada em cima da pelle, um homem estava decente para ir a toda a parte.

Godofredo todavia passeava pelo quarto, ainda pensativo. E terminou por dizer ao Carvalho o que o perturbava:

— É necessario que vocês levem já condições feitas. E eu, menos de ser á pistola e a vinte passos...

— Deixá lá isso com o Medeiros — interrompeu Carvalho.

E o Medeiros, apparecendo logo,

com a toalha na mão, o cabello molhado, acrescentou :

— Olha, tu entenderás muito de coisas de negocios. Mas de coisas de ponto d'honra, entendo eu . . . Tu, desde este momento, não tens senão de ir esperar que te vamos dizer : é a tal hora, em tal sitio, e com taes armas. E depois, no dia seguinte, marchas ! Nem tens mesmo que te preoccupar com o medico. Eu peço ao Gomes, que entende muito de feridas, e não é homem para perder a cabeça, se um de vocês ficar escalavrado de todo . . .

Godofredo sentiu um arrepio pela espinha abaixo e o coração encolher-se-lhe. Mas do lado Carvalho dizia-lhe :

— E tu, vae para casa, se tens que fazer, ou papeis a pôr em ordem, ou outra coisa . . .

Não fallava em testamento, mas

a allusão era tão clara que aquillo irritou o bom Alves.

De certo, elle era o primeiro a querer que o duello fôsse a serio, fôsse mortal mesmo, mas emfim, aquelles seus dois amigos, os seus dois melhores amigos, os seus intimos, um a fallar já de feridas, o outro a empurral-o para a porta para que fôsse fazer testamento, pareciam-lhe grosseiros e inutilmente crueis . . .

Sem uma palavra, desceu, sahiu.

E atirando-se para o fundo do coupé, moído na alma e moído no corpo, pensou esta coisa profunda:

— E é para isto que a gente se casa! É para isto que se quer ter familia! . . .

VII

Às seis horas da tarde, Godofredo, em chinelos, acabava de lacrar um maço de papeis, quando a campainha retiniu e os seus dois amigos appareceram.

Carvalho, apesar da sua indifferença pela etiqueta, fôra mudar de fato; estava de sobrecasaca preta, e ambos traziam um aspecto grave. Medeiros, agora muito correcto, o bigode encerado, sentou-se no sofá e começou a tirar lenta-

mente as luvas pretas, olhando para Godofredo. Depois fallou:

— Estás ahi a rebentar de curiosidade? Pois olha: por ora, nada feito!

Godofredo que ficara com os olhos cravados n'elle e estava muito pallido, pareceu respirar melhor. Mas subitamente enfureceu-se: como, nada feito? Então o infame recusava-lhe uma reparação?

Carvalho acudiu:

— Não, homem! A cada um o que é seu, o Machado n'isto anda bem.

— Então?

— Foram as testemunhas que se mostraram recalcitrantes — disse Medeiros. — Aqui está o que foi.

Era uma longa historia que Medeiros contou prolixamente, gozando os detalhes. Tinham fallado com o Machado que lhes promettera que

dois amigos seus estariam ás quatro horas em casa d'elle, Medeiros. E, pontualmente, apparecera lá o Nunes Vidal, que Godofredo conhecia perfeitamente, rapaz d'experiencia em coisas d'honra, e o Cunha, o Albertinho Cunha, que pouco fallara, estava alli como comparsa. Entraram, cumprimentos, etc. . . . tudo muito grave, e com toda a amabilidade. Depois vieram á questão. O Nunes Vidal declarara logo que, em principio, o snr. Machado estava prompto a acceitar todas as condições, todas, quaesquer que fôssem, propostas pelo snr. Alves; inteiramente todas. Mas que elle, Nunes Vidal, e alli o seu amigo Cunha, entendiam que o dever das testemunhas, n'um conflicto, era, antes de tudo, procurar paz e conciliação. E que portanto se, em principio, o seu constituinte, o snr. Machado,

por um excesso de pundonor e de orgulho, estava disposto a deixar-se matar, as suas testemunhas, que tinham tomado nas mãos os interesses d'elle, estavam alli, tinham vindo alli, não só para procurar, tanto quanto possivel, evitar que succedesse uma desgraça no campo ao seu amigo, mas mesmo que em volta do seu nome se fizesse um escandalo que o prejudicasse . . .

— Tudo isto muito bem dito — acrescentou Medeiros — tudo muito bem explicado, com bonitas palavras . . . Serio, gostei do Vidal.

— Ah, rapaz de muito talento! — murmurou Carvalho.

Emfim, o Vidal terminara por dizer que, tudo bem considerado, não julgava que houvesse motivo para um duello grave, á pistola.

Outra vez a falta de motivo' Godofredo despropositou:

— Com mil diabos, então que queria esse asno que o Machado me tivesse feito de peior ?

Com um gesto, Medeiros conteve-o :

— Não te exaltes, homem, não te exaltes . . . Deixa estar que lá lhe disse tudo. O Vidal é muito esperto, mas olha que eu não me calei. Pergunta ao Carvalho . . .

— Andaste como um heroe — disse Carvalho.

— Mas então, que diabo disse o Vidal ? — exclamou ainda Godofredo.

O Vidal dissera que não havia motivo de sangue, porque o que se passara entre o Machado e a senhora, fôra um simples namoro . . .

Godofredo teve um gesto furioso.

E Medeiros, erguendo-se tambem :

— Não te exaltes, homem, escuta. Eu lá lhe disse tudo. Contei-lhe o modo como os apanhaste, e as cartas, «riquinho da minha alma, que tarde a d'hontem» e o resto. Apresentei-lhe todos os dados para o convencer de que o adulterio era completo... Não é verdade, Carvalho?

— Todos.

— Disse-lhe claramente: o meu constituinte, o nosso amigo Alves, é em toda a extensão da palavra um marido que... Emfim, necessita reparação. Não é verdade, Carvalho?

Carvalho fez um gesto d'assentimento.

— Mas o Vidal, provou-me que não — continuou Medeiros. — Leu as cartas, elle tambem: o Machado contou-lhe tudo; e depois de ter combinado, pensado, chegaram a este

resultado: que não passou d'um namoro.

Houve um silencio na sala.

Godofredo passeava vivamente com as mãos nos bolsos. Carvalho examinava vagamente um quadro representando *Leda e o Cysne*. De repente, Godofredo parou e exclamou n'uma voz surda, espaçando as palavras:

— Alli, n'esse sofá, vi-os eu, abraçados um ao outro... Que diz a a isto o Vidal?

— Esse é que é o unico ponto — exclamou Medeiros. — Esse ponto é que se não póde negar, porque tu viste, com os teus olhos. Mas o Machado explicou ao Vidal. E o Vidal explicou-nos a nós. Era uma brincadeira, era a rir, era a fazer cocegas!...

— E a carta: *Que tarde a d'hontem?* — exclamou Godofredo.

— Disse o Vidal que naturalmente se refere a um passeio que vocês deram a Belem... Vocês foram a Belem?

Godofredo reflectiu um momento. Sim, tinham ido a Belem... Era verdade que tinham todos tres ido a Belem.

— Então, ahi tens. Era a lembrar o prazer de terem ido todos, de patuscada, de passeata...

— De modo que — exclamou Godofredo — fica tudo n'isto: não ha nada. Tenho de tragar a affronta!

Medeiros ergueu-se, indignado. Ora essa, então por quem o tomava elle? Tinha ou não Alves posto a sua honra nas mãos d'elle e do Carvalho? Tinha. Então não podia suppôr que elles, seus amigos, o deixassem na lama, miseravelmente...

— Mas... — murmurou Alves.

— Mas, quê ? Está claro que te has-de bater. Foi o que se decidiu. Não ha motivo para que seja á pistola, porque foi um simples namoro. Mas como o snr. Machado não tem direito de namorar tua mulher, ha todos os motivos para que seja á espada, um duello mais simples... Vamo-nos encontrar logo com elles em minha casa, ás oito horas, e combinar tudo.

— E não temos muito tempo a perder — disse Carvalho puxando o relogio — porque são seis e meia, e ainda temos de jantar. Eu estou a cahîr...

Godofredo lembrou-lhes logo que jantassem com elle. De resto tinha calculado que appareceriam á hora do jantar, e mandara preparar um bocado d'assado a mais.

— Não haverá mais que um bocado d'assado, — disse elle — mas

emfim, em campanha qualquer coisa chega... E nós estamos em guerra!

Era a primeira vez que sorria desde a vespera. Mas aquella companhia dos seus amigos ao jantar, alegrava-o, evitando-lhe a solidão que temia.

E o jantar foi quasi alegre. Tinha-se combinado que não fallassem do duello, nem do caso; mas logo desde o cosido, sempre que a Margarida não estava presente, voltavam á idéa predominante, por phrases curtas, allusões vagas. Por fim, Godofredo disse á rapariga que não voltasse sem ouvir a campainha e a conversa então não cessou mais. Godofredo contou como conhecera Ludovina, e o seu namoro, e o dia do casamento. Depois, fallou do Machado, mas já sem colera, chegando mesmo a dizer que era *um*

rapaz brioso. Era elle que o ia buscar ao collegio, quando Machado era pequeno, e ás vezes levava-o ao theatro. E estas recordações enterneciam-no. Terminou por engulir um soluço, pedindo que não se fallasse mais em semelhante coisa. Tocou a campainha e a Margarida trouxe o assado.

Houve um curto silencio. Medeiros gabou o Collares. E Carvalho, a respeito do Collares que elle costumava beber em Cabo Verde, lembrou um caso de duello, lá, em que elle fôra testemunha. E apenas a creada sahiu, contou-o logo: era um caso parecido com o do Alves, tambem por causa d'uma mulher; mas essa era preta!

Isto parecia incrivel ao Medeiros. Mas Carvalho gabou as pretas, com o olho brilhante:

— Em a gente se costumando,

não quer senão d'aquillo... A preta é uma grande mulher!

— Mas que diabo, não fallemos mais de mulheres — disse Godofredo.

E n'este pedido que elle acompanhou d'um vago sorriso, havia como que uma resignação na sua desgraça, uma idéa nascente de gozar ainda a vida, na companhia d'amigos, nas preoccupações do negocio, sem os desgostos nem as complicações que traz invariavelmente a paixão das saias...

Então fallaram do Nunes Vidal.

Medeiros estava contente de ter encontrado pela frente, n'um caso tão serio como aquelle, o Nunes Vidal, rapaz austero, d'experiencia e de honra. Ao principio receiara que o Machado tivesse a idéa de nomear para padrinho aquelle idiota do Sigismundo com quem andava

sempre. E isto trouxe de novo o Machado á conversa. Então, um pouco animado pelo Collares, Medeiros confessou que já tinha «pregado uma» ao Machado: fôra amante da franceza com quem elle estivera!

E começou a fallar de si, das suas conquistas; voltou á historia da vespera, quando por pouco não era apanhado na cozinha...

O Carvalho tambem tivera uma historia assim, em Thomar. Mas ahi fôra forçado a saltar pela janella, e cahira em cima d'uma estrumeira... Mas Medeiros sabia d'um caso muito peior do que esse: um amigo d'elle, o Pinheiro, não o magro, mas o outro, o picado das bexigas, que tinha estado escondido n'um curral de porcos durante seis horas. Ia morrendo! E agora, quando via um porco, punha-se branco como a cal da parede.

Então, foi entre o Carvalho e o Medeiros um desfilar d'anecdotas d'adulterios. Só Godofredo, homem casado e honesto, não tinha d'estas recordações. A sua vida fôra toda domestica, sem aventuras, e escutava, bebendo o seu café aos goles, gozando aquelle fim alegre de jantar, sorrindo por vezes.

E terminou por sentir invadil-o um halito quente de mocidade; disse:

— Homem, isto é melhor a gente divertir-se por sua conta, do que os outros se divirtam á nossa custa...

Mas as oito horas approximavam-se e Carvalho começou a calçar as luvas pretas. Então, Godofredo fallou em os acompanhar. Metter-se-ia dentro do quarto do Medeiros emquanto se celebrava a conferencia na sala: — elles poupavam assim o trabalho de voltar á

rua de S. Bento a dar-lhe parte do resultado.

E apesar de Medeiros considerar que era contra a etiqueta, terminaram por consentir, «por não se tratar d'um caso muito grave». Foi-se buscar uma carruagem, e, apinhados dentro d'ella, todos tres, bateram para a Estrella.

Em casa do Medeiros, o creado já accendera as velas do lustre, e subiam a escada quando a campainha retiniu. Eram as testemunhas, muito pontuaes. E emquanto Godofredo ia esconder-se no quarto, os outros entravam para a sala onde se elevou logo um rumor de vozes.

No quarto, ás escuras, sem ousar chamar o creado, Godofredo procurava, apalpava sobre a mesa, sobre o toucador, á cata d'uma caixa de phosphoros. Não achou phosphoros, mas os seus dedos encon-

traram um reposteiro. Correu-o — e viu deante de si uma fenda de luz, n'uma porta, de traz da qual vinham rumores de vozes. Era, do outro lado, a sala onde estavam a conferenciar. Adiantou-se, mas topou com um jarro que rolou com um som d'agua entornada. Ficou immovel, um momento, e por fim, chapinhando na humidade, foi encostar o ouvido á fechadura.

Mas tinha-se feito na sala um silencio que elle não comprehendia. Só por vezes um dos amigos do Machado tossia. Que diabo estariam tecendo? Quiz espreitar, mas só viu, vagamente, um bocado d'espelho onde se reflectia a luz do candieiro. Subitamente a luz desappareceu, houve deante d'elle o que quer que fôsse de negro, de certo as costas d'alguem. Então, uma voz elevou-se: era a voz de Medeiros,

e dizia « que lhe parecia ser concludente . . . » Logo outras vozes, fallando todas ao mesmo tempo, n'um rumor que elle não podia distinguir. Depois, outra voz disse muito distinctamente :

— N'estas coisas é necessario sobretudo dignidade.

Com effeito era necessario dignidade ; e realmente não era muito digno estar elle alli, escutando ás portas ! Ás apalpadellas, voltou para o meio do quarto, e tendo topado com o sofá, sentou-se pesadamente. Da sala não vinha o menor ruido ; um ar abafado pesava no quarto. E aquelle silencio, aquella escuridão, trouxeram-lhe idéas sombrias de ferimentos, de doença. No dia seguinte, talvez elle estivesse assim, n'um quarto ás escuras, prostrado n'um leito, e só, sem ninguem, tratado pela Margarida . . .

Esta idéa causou-lhe um grande horror. Lembrou-se de casos de ferimentos de que ouvira fallar. Um golpe d'espada, no momento, dava apenas uma sensação de frio — as dôres vinham depois, durante as longas noites d'immobilidade, quando os colchões aquecem e o corpo não se póde mover. E então pensou em tudo o que dissera o Nunes Vidal: «era a primeira vez que o Machado a abraçava, por brincadeira»... E se isto fôsse verdade? Tambem ella lh'o dissera, n'um grito de dôr: era a primeira vez! Bem podia ter sido apenas uma leviandade, um galanteio, o que os inglezes chamam uma *flirtation*. Deveria perdoar? Não, de certo. Mas não era então motivo para se bater. Bastava-lhe expulsar o Machado de sua casa... E outras coisas acudiam-lhe ao espirito: nunca como ultimamen-

te Ludovina fôra tão amante. Outr'ora era elle que a provocava, lhe fazia festas... Mas agora era ella que ás vezes, sem motivo, lhe atirava os braços ao pescoço. Poderia affirmar que ella o não amava? Não. E aquillo não era fingido: elle não era tolo e sabia bem reconhecer uma emoção sincera. Porque consentira ella então na côrte do Machado? Quem sabia? Coquettismo, vaidade... Em todo o caso o castigo era merecido. Nunca mais a veria — e bater-se-ia com o outro!

Então lembrou-se de que nunca manejara uma espada e que Machado dera lições d'esgrima. De certo seria elle o ferido! E o mesmo terror agudo invadiu-o. Parecia-lhe que não temeria tanto uma morte brusca, uma bala através do coração... Mas uma ferida grave, que o retives-

se na cama semanas interminaveis, com a sua marcha lenta, a febre, a inflammação, o perigo da gangrena . . . Era horrivel. Toda a sua carne se encolhia a essa idéa . . . Mas acabou-se... Era a honra que o exigia!

De repente ouviu vozes no corredor, risos, todo um barulho cordial d'amigos que se despedem. O coração batia-lhe; caminhava para a porta quando uma luz appareceu. Era o Medeiros, ainda com a vela com que alumiara os outros.

— Tudo resolvido — disse, ao entrar.

Atraz d'elle vinha o Carvalho, que confirmou:

— Está tudo decidido.

Godofredo olhava para elles, pallido, a tremer de nervoso.

— Não te bates — disse Medeiros, pondo o castiçal sobre a mesa.

— Que te disse eu logo? — exclamou Carvalho, radiante. — Tudo tinha de ficar na mesma. Era o bom senso.

E Medeiros explicou o que se passara. O Nunes Vidal portara-se com um cavalheirismo extraordinario. Começara por dizer que se estivesse convencido de que havia alli uma traição do Machado, um crime d'adulterio com a mulher do socio, elle não se metteria no caso. Depois, affirmara que se exigissem o duello, elles tinham indicações para acceitar tudo, sem discutir: a hora, o sitio, as estocadas. E chegado ao terreno, Machado tomaria a espada e deixar-se-ia ferir como um *gentleman*. Mas Nunes Vidal appellara para elles, como homens d'honra e de bom senso...

— Não foi isto que elle disse, Carvalho?

— E homens de sociedade — emendou Carvalho.

— Justamente: e homens de sociedade. Appellou para nós, perguntando se deviamos consentir n'um duello, quando não havia motivo e quando o Machado, n'uma carta que o Vidal nos deu a lêr, lhe affirmava sob a sua sagrada honra de homem que a snr.ª D. Ludovina era innocente, perfeitamente innocente, e que não houvera mais do que umas cartas tolas trocadas, e aquelle abraço... Ora agora, disse o Nunes Vidal: — que faz um duello? Compromette a snr.ª D. Ludovina, dá a entender ao publico que houve realmente adulterio, colloca o snr. Alves n'uma posição ridicula e prejudica a firma commercial...

— E o dilemma do Nunes... — lembrou do lado Carvalho.

— É verdade! O dilemma — gri-

tou Medeiros, recordando-se, — O Nunes apresentou este dilemma : os senhores pedem a espada. Ora bem : se houve adulterio, a espada é ainda pouco ; mas se o não houve, é de mais . . . De maneira que resolvemos que não houvesse duello . . .

Godofredo não dizia nada. Mas uma sensação de paz e de serenidade invadia-o silenciosamente. Aquellas grandes affirmações do Nunes Vidal, um rapaz de tanta honra, quasi o convenciam de que realmente não houvera senão um galanteio sem consequencias. Elle mesmo o dissera: se estivesse convencido de que havia adulterio, não se mettia no caso. Ora se se tratava d'um simples galanteio, não havia realmente motivo para que se batessem ; e isto dava-lhe um alivio . . . Mil idéas abominaveis desappareciam, e outras surgiam, de repouso, de

tranquillidade, talvez de felicidade ainda. De certo não perdoaria a sua mulher aquelle simples galanteio; não tornaria a fallar ao Machado. Mas a vida ser-lhe-ia menos amarga, pensando que elles realmente o não tinham trahido.

Aquillo consolava o seu orgulho — e mostraria que era um marido rigido e digno, expulsando sua mulher por um simples olhar trocado.

Assim a sua honra ficava salva e o seu coração soffria menos.

E invadiu-o a alegria de sahir emfim d'aquelles pensamentos violentos de morte em que andava envolvido, e reentrar na rotina da sua vida, dos seus negocios, das suas relações, dos seus livros. De repente, á idéa de rotina, de negocios, de casa commercial, acudiu-lhe um pensamento que o encheu de perturbação:

— E o Machado ? Eu não posso mais fallar ao Machado !

Mas Medeiros discutira esse ponto com o Nunes Vidal. E fôra o Vidal que tivera uma idéa de bom senso. O Vidal tinha dito : desde o momento em que não ha motivo para duello, — não ha motivo para que interrompam as relações commerciaes . . .

Godofredo protestou :

— Então ha-de ámanhã entrar-me pelo escriptorio . . . ?

— Quem te diz ámanhã, homem ? Aqui está o que disse o Nunes Vidal : o Machado ámanhã escreve-te uma carta official, para que o guarda-livros veja, e os empregados, dizendo que vae para fóra de Lisboa com a mãe, e em que te pede que olhes pela casa, etc., etc. . . . Depois, ao fim d'um ou dois mezes, volta, vocês cumprimentam-se, sen-

tam-se cada um á sua carteira, fallam no que têm a fallar, ácerca dos negocios, e acabou-se. O que não têm é relações intimas. Escusam mesmo de se tratar por tu.

E como Godofredo olhava para o chão, reflectindo, os dois, á uma, cahiram sobre elle:

— Tapas assim a bocca ao mundo — disse Carvalho.

— Salvas-te do ridiculo — acrescentou Medeiros.

— Mantens a firma intacta e unida...

— Livras tua mulher de má fama...

— Conservas um socio intelligente e trabalhador...

— E talvez um amigo!

Então uma fadiga immensa invadiu Godofredo. Veio-lhe um desejo intenso de não pensar mais n'aquelle desgosto, não fallar mais

no caso, dormir tranquillo; e cedeu, abandonou-se, perguntou com a voz tremula:

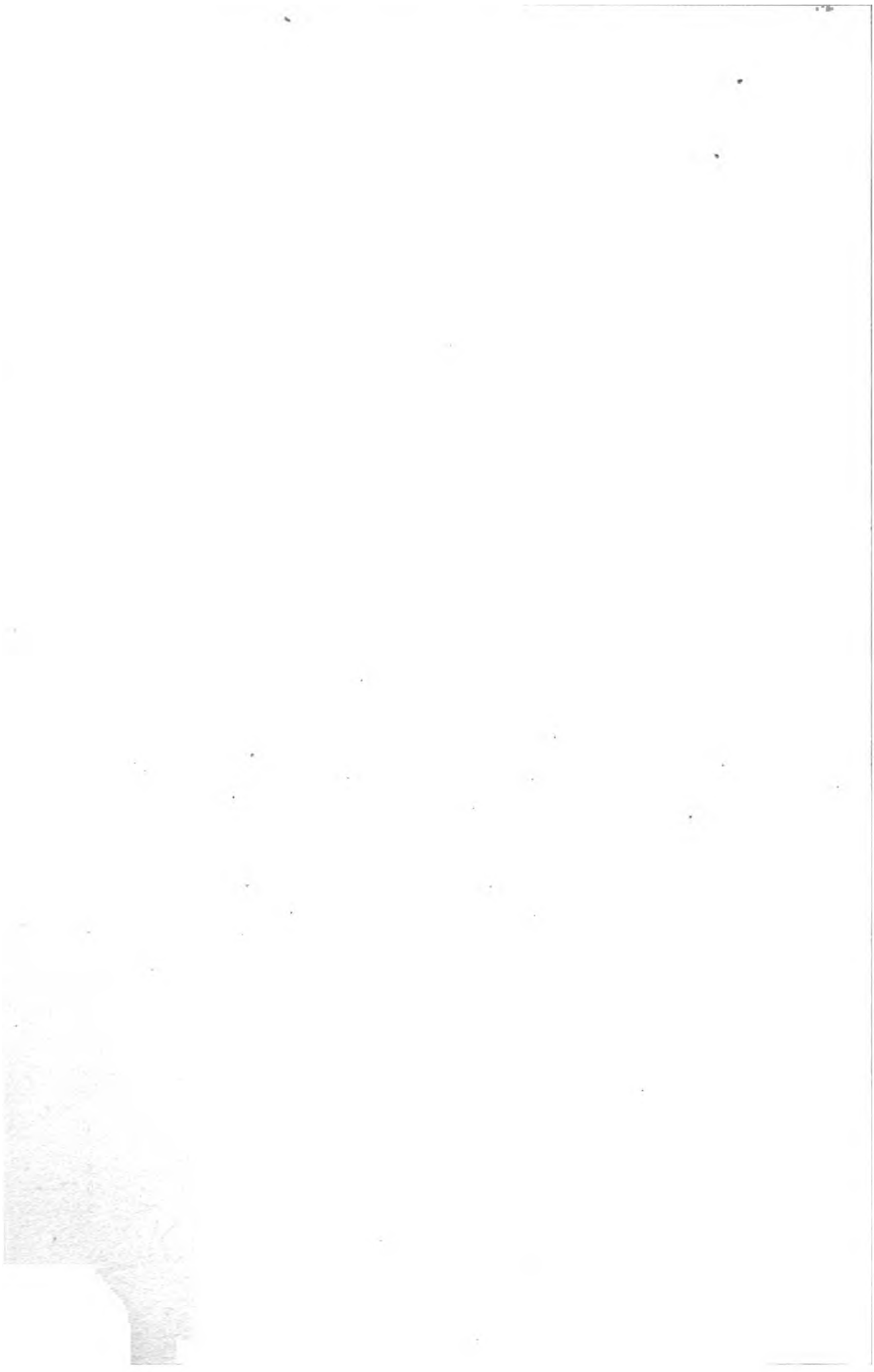
— Então vocês acham, em vossa honra, que assim fica tudo bem?...

— Achamos! — responderam ambos.

Godofredo apertou a mão a um, depois ao outro, commovido, quasi com lagrimas:

— Obrigado, Carvalho. Obrigado, Medeiros.

E para tapar as boccas do mundo, foram os tres para o Passeio Publico, onde havia, n'essa noite, illuminações e fogo preso.



VIII

Então começou para Godofredo uma existencia abominavel.

Tinham passado semanas e Machado voltára. Occupava agora, como de costume, a sua carteira, no gabinete de reps verde.

Godofredo temera sempre aquelle acontecimento. Não julgara que elles pudessem jámais passar as horas, um ao lado do outro, consultando os seus papeis, ligados por mil interesses communs, com a idéa ainda viva d'aquelle dia de Julho,

d'aquelle encontro tragico sobre o sofá.

Por fim tudo se passára muito convenientemente e não havia attritos.

Na vespera da sua chegada, Machado escrevera-lhe uma carta polida, quasi humilde, em que se percebia mesmo certo tom de tristeza: dizia-lhe que ia voltar, que no dia seguinte appareceria no escriptorio, que esperava que toda a idéa do passado desapparecesse nas suas novas relações, e que estas fôssem sempre dominadas por uma respeitosa cortezia. Acrescentava que, comprehendendo porém as difficuldades d'esta nova solução, elle só a acceitava por pouco tempo, para salvar a dignidade e fazer calar a maledicencia, reservando-se o direito de deixar a firma, logo que o pudesse fazer sem escandalo.

N'esse dia, Godofredo foi mais cedo para o escriptorio e fez uma coisa habil: disse ao guarda-livros, deante do caixeiro, que houvera entre elle e o snr. Machado certas desintelligencias e que as suas relações haviam soffrido certas modificações. Estas palavras vagas tinham por fim evitar a surpreza e os commentarios do guarda-livros, quando os visse agora, defronte um do outro, seccos, cortezes, e tratando-se por *senhor Alves* e *senhor Machado.*

O guarda-livros murmurou que *sentia muito*—e d'alli a instantes Machado appareceu. Foi um momento desagradavel. Durante todo o resto do dia, mal puderam dar attenção ao que faziam, e os proprios gestos do Machado, o puxar do lenço, um passo no soalho, despertavam em Godofredo toda a sorte de

lembranças irritantes. Uma ou duas vezes atravessou-o um desejo violento de o vituperar, accusal-o de todas as tristezas que agora enchiam a sua vida. Mas conteve-se, sendo apenas impotente para engulir um ou outro suspiro.

A attitude do Machado foi respeitosa e triste. Quasi não trocaram palavra. O que quer que fôsse d'angustioso pesava no ar — e o estupido do caixeiro tornava todo este embaraço mais saliente, teimando em andar em bicos de pés, como n'uma casa onde ha um moribundo.

Outros dias eguaes seguiram-se; mas, pouco a pouco, a presença de Machado deixava d'impressionar Godofredo. Já o podia vêr sem pensar no sofá amarello...

Estabelecera-se uma rotina: o ultimo a entrar dava os bons dias ao outro, polidamente; depois, cada

um na sua carteira, só fallavam em assumptos de negocio, com as palavras indispensaveis. Quando não havia que fazer, Machado sahia, abandonando o gabinete a Godofredo, que ficava lendo os jornaes no sofá. E esta existencia continuou, regular, sem attritos, porque, no fundo, só havia em Machado estima pelo Alves, e Alves, a seu pezar, conservava um fundo de sympathia por aquelle rapaz que quasi educara. Debalde se dizia a si mesmo que, fóra do negocio, era um traste; o simples tom da sua voz, os seus bonitos modos, attrahiam-no irresistivelmente.

Assim foi que, quando vieram os primeiros dias d'Outubro, toda aquella tumultuosa agitação, que se fizera na vida de Godofredo e que o trouxera durante semanas como somnambulo, se calmou. Lu-

dovina estava na Ericeira, com o pae, e a lembrança d'aquelle momento em que a vira no sofá amarello — essa lembrança que fôra no coração do pobre Godofredo como uma chaga viva que o menor movimento, o menor attrito, irritava — era agora como uma ferida que começava a cicatrizar, causando apenas uma d'essas dôres surdas e vagas a que o corpo se habitua.

O choque desagradavel do encontro com o Machado passara tambem. No escriptorio da rua dos Douradores continuava a rotina de relações, frias, cortezes, toleraveis.

Mas agora, mais calmo, Godofredo sentia com redobrada intensidade todos os detalhes d'aquella vida de viuvo, que devia ser a sua para sempre — e só descobria no futuro desconforto e tristeza.

Ao principio, pensara em deixar

a casa da rua de S. Bento, ir viver para o hotel. Mas depois receou a opinião, a maledicencia. Ninguem sabia que elle estava separado de sua mulher. Suppunha-se que ella estava a banhos com o pae, e que Godofredo a ia vêr de vez em quando — e elle tinha por todos os meios de manter esta ficção. Além d'isso, que havia de fazer ás duas creadas? Porque persistia na idéa de manter o silencio em torno da sua desgraça, conservando sob chave, ligadas a elle pelo interesse d'uma boa situação, aquellas duas creaturas que a conheciam. Ficára em S. Bento, e a sua existencia alli era perfeitamente desgraçada. Um por um, os confortos que tanto amava haviam desapparecido, porque as duas mulheres, sem ninguem que as vigiasse, tendo percebido que o senhor as não despediria, dependente da lingua

d'ellas, estavam inteiramente relaxadas.

O tormento do dia começava para Godofredo ás nove horas. Era uma tortura conseguir que lhe trouxessem agua para a barba: nunca havia agua quente. A cozinheira, que agora se levantava tarde, nunca tinha o lume acceso antes das dez horas. Depois era outra lucta para obter o almoço, e quando chegava, feito á pressa, sem cuidado, sem variedade, quasi o enjoava. Desde Agosto que todas as manhãs lhe appareciam os mesmos ovos quentes, — ora crús, ora cosidos de todo — e os mesmos bifes corneos, negros, como duas tiras de couro tisnado.

Elle sentava-se, olhava com horror para o guardanapo sujo, e sentia um desanimo profundo. Ai! Onde estava o tempo em que Ludovina, ella propria, lhe ia fazer os seus

ovos quentes pelo reloginho d'ouro? Então, havia sempre flores na mesa, e o seu *Diario de Noticias*, e o seu *Jornal do Commercio*, esperando-o ao lado do prato. Elle desdobrava-os com um sentimento de paz e de conforto, sentindo em redor o rumor da sua saia, o calor da sua presença e um vago aroma de vinagre de *toilette*.

Agora, quando elle voltava ás quatro horas, encontrava os restos do seu triste almoço ainda sobre a mesa, com o môlho dos bifes a seccar no prato, um resto de chá no fundo da chavena, tudo sujo e triste sob o vôo das moscas. Pelo chão havia sempre migalhas. Todos os dias se quebrava alguma coisa. E no fim do mez, eram contas enormes, um desperdicio, um excesso absurdo de gastos. Já por duas vezes encontrara homens na escada

ou visitas para as creadas. A sua roupa suja arrastava pelos cantos, e, quando elle se enfurecia e entrava na cozinha como uma bomba, aos berros, as duas creaturas não respondiam, fingiam uma compunecção mais odiosa ainda do que uma resposta insolente: baixavam a cabeça, davam com respeito uma desculpa absurda, e depois ficavam lá dentro, rindo e beberricando copinhos do seu vinho.

Mas peiores ainda eram as longas noites solitarias. Fôra sempre um homem caseiro, gostando de recolher cedo, calçar os seus chinelos, gozar o seu interior.

Antigamente, na sala, Ludovina sentava-se ao piano; elle mesmo ia accender as luzes, com a devoção de quem prepara um altar, porque adorava a musica, e vinha acabar o seu charuto n'uma pol-

trona, ouvindo-a tocar, contemplando a massa negra de cabello que lhe pendia nas costas, n'uma graça de abandono e d'intimidade. Certas musicas que ella tocava davam-lhe a sensação de ter o coração acariciado por alguma coisa de avelludado e muito dôce que o fazia desfallecer: uma sobretudo, uma certa valsa, *Souvenir d'Andalouzie*... Ha quanto tempo elle não a ouvira tocar!

Emquanto durou o verão, todas as tardes, dava o seu passeio. Mas o mesmo espectaculo das ruas trazia-lhe á memoria a sua felicidade perdida. Era uma varanda aberta, com uma senhora vestida de claro, tomando o fresco, que lhe recordava a sua casa deserta onde já não havia um rumor de saias... Era, ao anoitecer, uma janella, deixando sahir a claridade discreta

d'um serão tranquillo, d'onde vinha um som vago de piano . . . E elle passava, com os botins empoeirados, o corpo fatigado, sentindo d'um modo agudo e doloroso a evidencia da sua solidão.

As noites peiores eram aquellas em que procurava a animação do Passeio Publico. Levava-o lá o horror da solidão ; mas aquelle isolamento no meio de tanta gente, sob as arvores illuminadas a gaz, vendo tanto homem levando uma mulher pelo braço, era-lhe ainda mais doloroso do que a sala deserta e fria, com o seu ar inhabitado e o seu piano inutil !

Depois, quando principiou o inverno, a vida começou a ser intoleravel. Novembro foi muito chuvoso. Elle voltava do escriptorio tarde, e depois do jantar desconsolado que engulia á pressa, ficava, com os

pés nos chinelos, aborrecido, errando vagamente da sala para o quarto. Nenhuma cadeira, por mais confortavel, lhe dava uma sensação completa de repouso e de bem estar. Os seus livros pareciam ter perdido subitamente todo o interesse, desde que a não sentia ao seu lado, costurando emquanto elle lia, á mesma mesa, debaixo da mesma luz. E um pudor, um escrupulo, uma vaga vergonha, impediam-no d'ir aos theatros.

Além d'isso, uma inquietação tomava-o agora constantemente, desde que ella voltara da Ericeira e que a sabia alli, na mesma rua, a dez minutos d'aquella casa onde elle soffria todas as melancolias da viuvez. Vinte vezes por noite o seu pensamento fazia esse caminho, subia a escada do Netto, penetrava na sala que bem conhecia, com a

sua *chaise-longue* coberta de cretone vermelho. Era n'essa *chaise-longue* que ella se costumava sentar quando iam vêr o sogro. E vinha-lhe um ciume, um desespero, pensando que a essa hora ella lá estaria, sentada, com uma costura ou um livro na mão, tranquilla, esquecida, sem pensar n'elle.

O Netto, á volta da Ericeira, viera vêl-o. E cada palavra d'aquelle mariola fôra uma punhalada para Godofredo. Tinham gozado muito na Ericeira. Não viam ninguem, porque, emfim, as circumstancias da Ludovina não permittiam folias nem *pic-nics*, mas tinham passado muito bem, em familia. Ludovina tomara banhos; estava forte, mais gorda, e nunca elle a vira com tão boa cara; tinha trabalhado muito no seu piano, e parecia resignada e de bom humor. E depois de lh'a pintar assim,

tão sadia, tão appetecivel, sahira, sem dizer a palavra por que Godofredo anciava — uma simples palavra: «fazer as pazes!». Porque agora era esse o seu desejo mais ardente. Sómente, não queria dar o primeiro passo, por orgulho, por dignidade, por um resto de ciume e d'amuo. Mas entendia que competia ao Netto impôr essa reconciliação — e começava a odial-o, vendo que elle queria conservar a filha em casa. Era facil de comprehender: o patife não desgostava dos trinta mil réis, que assim lhe cahiam na gaveta todos os mezes. Pensou mesmo em lhe retirar a mezada: um sentimento de cavalheirismo impediu-o de o fazer.

O que o torturava acima de tudo era não ter ainda conseguido vêl-a. Debalde passava e tornava a passar pela casa do Netto; debalde

ia aos domingos á missa, á egreja d'ella ; debalde rondava a casa da modista, uma D. Justina, no largo do Carmo, na esperança de a vêr de lá sahir ou para lá entrar. Até que um dia, ao deixar uma tabacaria, accendendo o charuto, de repente, viu-a de costas...

Ficou tão perturbado, tão tremulo, que em logar de correr a seguil-a, a vêl-a, como o seu desejo reclamava furiosamente, recolheu-se vivamente para o fundo da loja, e alli ficou, hesitante, sentindo baterlhe o coração, pallido e entorpecido. E quando poude reagir e sahiu para a vêr uma vez ainda, debalde subiu e desceu o Chiado, não a encontrando: tinha-a perdido. E foi para casa com uma saudade immensa, tendo deante dos olhos aquella figura alta, vestida de preto, com uma flôr amarella no chapéu.

Porém o encanto quebrara-se, e uma semana depois, quando ia descendo a calçada do Correio, avistou-a que subia com a irmã. Foi a mesma perturbação, o mesmo embaraço, a mesma idéa absurda de se esconder n'um portal... Mas por fim, com o coração aos saltos, decidiu-se a affrontar o encontro: firmou o passo, deu um leve puxão aos punhos, aprumou-se. E de lado, tremendo todo, viu-a baixar os olhos e córar, perturbada.

Foi para casa n'um estado extraordinario d'exaltação. Sentia que a adorava e o coração desfallecia-lhe á idéa deliciosa de a apertar outra vez nos braços. E ao mesmo tempo, tinha um ciume furioso e vago, ciume dos outros homens, da rua, dos passos que ella dava, das palavras que poderia dizer, dos olhares que daria a outros. Queria-a para

si, alli, debaixo de chave, entre aquellas paredes que eram suas, na sua habitação, na prisão dos seus braços. E não podendo parar em casa, sahiu, quasi á meia noite, e foi até Santa Isabel contemplar as janellas do Netto.

Depois, quando voltou, escreveu-lhe uma carta absurda, seis paginas de paixão, a que se misturavam ainda, cahoticamente, accusações violentas. Ao relêl-a, achou-a mal feita, insufficientemente amorosa. Rasgou-a.

N'essa noite não dormiu. Via constantemente a bella face córar, as longas pestanas baixarem... Sim, estava, como dissera o Netto, mais cheia, mais bella. Oh, que mulher divina! E era *sua*, a *sua* mulher! Positivamente, aquillo não podia durar, aquella vida infeliz e solitaria!

Janeiro passou sem elle a tornar a vêr. E a sua paixão crescia. Agora esperava um acaso que os ligasse. Cada manhã imaginava que o dia não passaria sem elle a deparar e estava decidido a fallar-lhe.

Já uma vez, encontrando o Netto, fallara vagamente nos inconvenientes d'aquella separação. Mas Netto apenas encolhera os hombros com um ar de melancolia e de dôr paternal. Era bem triste, mas que se havia de fazer ?

Depois, uma tarde, no Martinho, Netto tornou a fallar-lhe: disse-lhe que reflectira muito e que estava disposto a ir fazer com a filha uma viajata até ao Minho . . . para evitar fallatorios !

Godofredo ficou assombrado, não se conteve :

— Mas não ha-de ser á minha custa ! — murmurou.

E voltando-lhe as costas, veio para casa, furioso. Eram sete horas; havia um luar claro e frio. Chegava á sua porta, quando deu de rosto, no passeio, com Ludovina que recolhia acompanhada pela irmã.

Instinctivamente, desceu com rapidez do passeio, afastou-se, mas logo voltou, com uma inspiração, apressado, e chamou:

— Ludovina!

Ella parára, espantada. Estavam junto d'uma loja de mercearia, na luz do gaz, e ficaram defronte um do outro, sem achar uma palavra, enleados, com todo o sangue na face. Godofredo estava tão perturbado que nem cumprimentou a cunhada; nem sequer a via. As suas primeiras palavras foram absurdas:

— Então, dizem que vaes para o Minho?

Ludovina olhou para elle, espantada, e depois para a irmã.

— Para o Minho? — murmurou.

E elle, n'uma voz atrapalhada:

— Disse-m'o teu pae... Eu achei que era a coisa mais ridicula!... Oh, Therezinha, desculpe, que a não tinha visto... Tem passado bem? E tu, Ludovina, tens passado bem?

Ella encolheu os hombros:

— Assim, assim...

Elle devorava-a com os olhos, achando-a adoravel, n'aquella capa de velludo que lhe não conhecia e que devia ser nova.

— Parece que te divertiste muito, na Ericeira.

Ella teve um sorriso amargo:

— Eu? Boa!... — E acrescentou com um vago suspiro: — O que me tenho é aborrecido e chorado...

Uma ternura, uma piedade immensa invadiu Godofredo, e com a

voz trémula, quasi a chorar, balbuciou :

— Ora essa, ora essa . . .

Depois, acrescentou ao acaso, já n'um tom d'intimidade, como se desde aquelle momento a reconciliação estivesse feita :

— Pois aquillo lá em casa não vae bem . . . A Margarida tem-se desleixado muito. E é verdade, que te queria perguntar . . . Como diabo se accende o candieiro do escriptorio, que não tem sido possivel pôl-o em condições ?

Ella riu, Thereza tambem. Percebiam perfeitamente que d'ora em diante Ludovina era outra vez a mulher de Godofredo. Disse :

— Se queres, eu vou lá ensinar a Margarida a arranjar isso.

Todo elle foi um grito d'alegria :

— Pois vem, pois vem ! A The-

rezinha póde vir tambem. É um instante.

E subiu adeante, galgou a escada, abriu a porta, desfallecendo de voluptuosidade ao sentir o rumor das saias d'ella pela escada acima.

Ouvindo vozes, a Margarida tinha corrido a abrir, e ao avistar as senhoras, ficou embatucada.

— Traga cá o candieiro do escriptorio — gritou-lhe atarantadamente Godofredo.

Ludovina e a irmã tinham penetrado na sala de jantar, e conservavam-se de pé, de chapéu, com as mãos nos regalos, emquanto Godofredo, como parvo, correra á cozinha, depois entrara no quarto, depois precipitara-se a accender as luzes da sala de visitas, onde não havia gaz.

Ludovina, no entanto, examinava a sala de jantar, o aparador,

o tapete, escandalisada do desleixo que alli se sentia, parando a contemplar, indignada, uma linda fructeira de cristal que tinha uma aza quebrada.

Godofredo veio encontral-a assim.

— Ai! — exclamou elle — isto vae por ahi uma destruição que nem tu imaginas. Olha, vem cá dentro, vem vêr, vem cá ao nosso quarto...

Elle mesmo entrou, e ella, com um rubor de virgem que penetra na camara nupcial, seguiu-o. E apenas entrou, elle apoderou-se d'ella, arrastou-a para a alcova do lavatorio, e alli, ás escuras, violentamente, freneticamente, beijou-a pelos olhos, pelo cabello, pelo chapéu, fartando-se da doçura da sua pelle, sentindo-se morrer ao contacto d'aquella frescura que ella trazia de fóra.

Ella disse baixo:

— Não, não, olha a Thereza!...

— Manda-a embora, eu vou leval-a — murmurou elle. — Tu ficas, meu amor, nunca mais nos separam...

E ella consentiu n'um beijo.

IX

No dia seguinte, n'um momento d'enternecimento, querendo dar á sua felicidade um quadro mais poetico, Godofredo propôz que fôssem passar uns dias a Cintra. Foi uma nova lua de mel. Estavam na Lawrence, onde tinham um pequeno salão só para elles. Levantavam-se tarde, bebiam champagne ao jantar e beijavam-se ás escondidas, pelos bancos, debaixo das arvores. Godofredo não deixava Ludovina um

instante, avido de gozar de novo aquella intimidade que elle julgara perdida, sentindo o prazer infinito da sua presença e do seu amor.

Ao fim de quatro dias, voltaram, e esta lua de mel prolongou-se ainda em Lisboa, cheia e larga, sem uma nuvem, sem considerações por despezas, com carruagem da companhia e camarotes em S. Carlos.

Godofredo queria mostrar-se por toda a parte com ella, para tapar as boccas do mundo.

Em S. Carlos, tomava sempre uma friza bem em evidencia, fazendo exposição da sua felicidade domestica. E como Ludovina, com os ares da Ericeira, voltara mais sólida, mais cheia, magnifica na sua forte belleza de trigueira sadia, os homens da plateia fitavam-na com insistencia, e havia sempre algum binoculo dardejado sobre ella.

— Lá estão a olhar — dizia Godofredo. — Estão pasmados de nos vêr juntos... Pois é para que saibam!...

E á frente do camarote, puxava devagar os punhos, sorria á sua Lulú.

N'uma d'essas noites, cantava-se a *Africana* pela primeira vez, e Ludovina que durante todo o espectaculo estivera torturada com um par de sapatinhos novos, quiz sahir antes do fim do quinto acto. Godofredo cedeu logo, apesar do prazer que lhe davam os gorgeios patheticos da Alteroni, sob as ramagens das mancenilheiras, á luz tragica da lua cheia. Agasalhou-a, deu-lhe o braço, e no peristilo, a um canto, esperavam que se approximasse a carruagem da companhia, quando, de repente, appareceu o Machado, de charuto nos dentes, enfiando o

paletot. Elle de certo não os vira, porque continuava através do peristilo, com o seu andar levemente gingado, tapando a gravata branca, acabando de abotoar o paletot. De repente deu com elles. Um segundo pareceu hesitar, ficou enleado, pallido, com os dedos esquecidos nos botões. Depois, muito correcto, tirou profundamente o chapéu. De dentro da gola alta da sua capa branca, ella fez um ligeiro movimento de cabeça, baixando os olhos, séria, impassivel, immovel, com a grande cauda azul do seu vestido apanhada na mão. E Godofredo que tivera um momento d'hesitação, acabou por atirar bem alto um «*olá Machado, boas noites!*»

Machado sahiu vivamente.

No dia seguinte, quando Godofredo chegou ao escriptorio, Machado já estava abancado á sua car-

teira. Trocaram os cumprimentos seccos e usuaes e Godofredo ficou remexendo os seus papeis, lendo a correspondencia. Depois, deu um olhar vago e distrahido ao jornal, evidentemente preoccupado, com o pensamento n'outra coisa. E de repente, recostou-se na cadeira, fez estalar os dedos, perguntou ao Machado :

— Então hontem, que tal lhe pareceu a Alteroni ?

Era a primeira vez que lhe dirigia uma palavra estranha aos negocios da firma ! Machado ergueu-se, um pouco nervoso, para responder :

— Gostei muito . . . E você ? . . . Boa voz, hein ? . . .

E estas palavras banaes, apenas soltas, foram como as portas d'um dique que se abre. Godofredo erguera-se tambem, e foi um fluxo de

palavras d'um e d'outro, ao principio hesitantes, depois tomando calor, approximando-os de novo, formando uma viva corrente de sympathia. Pareciam dois amigos que se encontram depois d'uma longa ausencia; cada um reconhecia no outro aquillo que n'elle sempre estimára: com um trivial gracejo do Machado sobre o tenor, Godofredo ia rebentando a rir, e uma observação de Godofredo sobre o unisono das rebecas, interessou immensamente Machado, fêl-o pensar que o Godofredo era realmente um grande entendedor de musica.

Depois, Godofredo fallou da estada em Cintra; e um momento conversaram sobre Cintra, dizendo cada um os sitios que lá preferia, a impressão que elles lhes davam, como se, depois d'aquella longa separação, sentissem a necessidade de

conferir as suas idéas e os seus gostos respectivos.

Depois, como Machado tinha de sahir mais cedo, o aperto de mão que trocaram á despedida foi profundo, ardente, d'uma reconciliação completa, unindo-os outra vez para sempre.

Então, novamente, a vida de Godofredo foi calma e feliz. Na rua de S. Bento entrara de novo a ordem e a alegria. Os ovos ao almoço já não appareciam crús ou cosidos de todo, e á noite o *Souvenir d'Andalouzie* tornava a dar a Godofredo uma vaga saudade feliz dos vergeis de Granada. E a cada momento, a voz d'ella, o *frou-frou* do seu vestido, banhavam d'alegria o seu coração

E o inverno tinha assim passado, passado a primavera, e começa-

vam os primeiros calores de Março, quando certa manhã, ao sahir, no corredor, Godofredo avistou entre duas portas a Margarida que entregava subrepticiamente, em segredo, uma carta a Ludovina. Foi como um rochedo que lhe arremessassem contra o peito. Mal atinava com o fecho da porta. Imaginou logo outro homem, outro amante — e a sua felicidade, aquella felicidade tão laboriosamente reconstruida, de novo rachando por todos os lados. Sentiu um terror absurdo, como se fôsse victima d'um fado, d'um fado terrivel e bestial, da fatal incontinencia da femea.

Depois, pensou que seria outra vez o Machado e passou-lhe deante dos olhos uma onda de sangue. Jurou que d'esta vez não haveria conferencias, nem consultas, nem testemunhas — mas que entraria no

escriptorio e lhe metteria á queima-roupa uma bala no coração.

E na sua agitação, sentindo que não poderia tolerar a vista de Machado, não foi ao escriptorio: vagueou pela baixa, tendo sempre deante dos olhos aquella visão da mão da creada, do papel branco, e do aspecto embaraçado de Ludovina. Entrou em casa sombrio e taciturno. Não podia estar quieto, ia d'uma sala para a outra, atirando com as portas, como um homem que suffoca, sentindo em volta de si o ar carregado de engano e de traição. Ludovina, sem comprehender, acabou por lhe perguntar o que tinha.

— Nervos! — respondeu com mau modo.

E d'ahi a um momento, cedendo a um impulso furioso, voltou-se para ella, declarou que estava farto de

mysterios, que aquella vida era um inferno, e que queria saber que papel era aquelle que lhe tinha dado a Margarida.

Ella olhou para elle, pasmada d'aquella violencia, d'aquella voz estridente, levando instinctivamente a mão ao bolso do vestido. Elle seguira-lhe o gesto:

— Ah! tens ahi a carta! Deixa vêr...

Ella então mostrou-se offendida com tal desconfiança:

Recomeçavam outra vez as suspeitas, as questões? O quê? Ella não podia receber um papel, sem elle querer logo metter o nariz?

Godofredo, pallido, com os punhos fechados, gritou:

— Ou me dás a carta ou te racho!

Ella fez-se muito branca, chamou-lhe malcreado, e cahiu para

cima do sofá, a chorar, com as mãos no rosto.

— Dá-me a carta — gritava elle em bicos de pés. — Dá-me a carta! . . . E d'esta vez não ha-de ser como da outra . . . Vaes para um convento! . . . Mato-te!

E não esperou pela resposta: arremessou-se sobre ella, torceu-lhe os braços, rasgou-lhe o vestido, apoderou-se da carta . . . Mas não percebia a letra. Eram umas garatujas sem orthographia, n'um pedaço de papel pautado. Começava: *Minha querida senhora,* vinha assignada *Maria do Carmo,* e fallava-se lá d'esmola, do pequenito que estava melhor, e de orações que não deixariam de rezar por aquella boa esmola . . .

Tremulo, murcho, humilhado, com o papel na mão, Godofredo veio sentar-se ao lado de Ludovina que

chorava com a cabeça entre as mãos. E passando-lhe o braço pela cintura, balbuciou:

— Está bem, vejo que não é nada... desculpa... Dize lá. o que é?

Ella repelliu-o, pôz-se a pé, toda offendida. Estava satisfeito? Tinha lido a carta, hein? Era d'um homem, não era?...

Elle balbuciou, envergonhado:

— Mas tambem todos esses mysterios...

E como ella, bella e de pé, limpava os olhos, engulindo os soluços, não se conteve, teve necessidade de se humilhar, cahiu de joelhos, e com as mãos postas, murmurou:

— Perdão, Lulúzinha, foi tolice minha...

Com um soluço mais fundo, ella bateu-lhe de leve com a ponta dos dedos na face...

E então n'um enternecimento, quasi a chorar tambem, Godofredo beijou-lhe as mãos, abraçou-lhe os joelhos e terminou por se erguer com um esforço, agarrado á saia d'ella, e encher-lhe o pescoço de beijos.

E ainda na commoção dos dois, entre abraços, ella contou-lhe a historia das esmolas secretas que fazia. Era uma pobre rapariga que conhecera na Ericeira e que um patife seduzira e abandonara com duas creanças, uma ainda de mama.

— Mas porque fizeste mysterio? — teimava, commovido e apaixonado.

Ella então confessou que já lhe dera mais de cinco mil réis — e tinha medo que elle achasse extravagancia...

A alegria que Godofredo sentia era tão viva, que exclamou:

*

— Qual extravagancia! Dá-lhe outros cinco... É por minha intenção.

E tudo terminou n'um beijo.

Só então Godofredo se lembrou das suas suspeitas da manhã e da sua colera contra o Machado: lá pensára outra vez em matar o Machado! E sentia agora a necessidade de o tornar a vêr, apertar-lhe profundamente a mão... votando-lhe n'esse momento uma amizade maior, não sei que vago reconhecimento que o enternecia.

Ao outro dia, quando entrou no escriptorio, não se conteve, e, sem motivo, abraçou Machado pela cinta.

O outro correspondeu ao abraço do socio sem estranhar essa effusão, mas com um modo, um enternecimento, um abandono triste que surprehenderam Godofredo. E a sua surpreza augmentou quando repa-

rou que Machado tinha os olhos vermelhos, como se tivesse chorado.

— É minha mãe que está muito mal — disse Machado, respondendo á interrogação do socio.

E Alves, com a sua alegria cortada por aquella dôr, só poude murmurar:

— Diabo!

Era o diabo, era. E o medico não dava esperança. A pobre senhora soffria d'uma complicação de doenças, de figado, de rins, de coração, que pareciam resolver-se agora n'um desarranjo total da vida.

Na vespera, tivera um desmaio de duas horas. Elle julgára-a morta; e n'essa manhã, tinha um allivio extraordinario de que elle desconfiava.

E o pobre Machado suspirava, dizendo isto. O amor da mãe fôra até ahi o seu sentimento mais inten-

so; tinham vivido ambos sempre juntos; por causa d'ella, elle nunca quizera casar, e agora aquella perda parecia levar da sua vida tudo o que lh'a tornava cara...

— Deus não ha-de querer uma desgraça — murmurou Godofredo, commovido.

Machado encolheu os hombros com desanimo, e d'ahi a instantes tornou a sahir, para voltar para junto da sua pobre doente.

Então, todos os dias, tres, quatro vezes, Godofredo ia a casa de Machado, saber noticias. A pobre senhora peiorava. Felizmente não soffria — e os seus ultimos dias eram confortados por aquelle amor em que o filho a envolvia, não se arredando um instante do leito d'ella, recalcando a dôr, escondendo a pallidez, animando-a, fallando de planos e d'idas para o campo, e

gracejando mesmo, como nos bons tempos.

Depois, uma tarde, Godofredo chegou a saber noticias. A creada appareceu com o avental nos olhos: a senhora morrera havia uma hora, como um passarinho.

Elle entrou. E Machado atirou-se-lhe aos braços, perdido de choro.

Godofredo não o deixou mais. Passou essa noite com elle; occupou-se do enterro, dos convites, da compra d'um terreno no alto de S. João. E ao outro dia, na solemnidade dos pezames, os amigos da casa davam-lhe apertos de mão tão sentidos, tão mudos, como ao proprio Machado — reconhecendo n'elle, mais que um amigo, quasi um irmão.

O enterro foi concorrido: havia mais de vinte carruagens; Godofredo levava a chave do caixão, e no cemiterio dirigiu as cerimonias, con-

vidou os amigos mais intimos a pegar nas borlas do esquife, cochichou com os padres, prodigalizou-se, e quando o caixão desceu á cova, as unicas lagrimas que o acompanharam foram as d'elle.

No dia seguinte Machado partiu para Villa Franca, para casa d'uma tia, e Godofredo foi leval-o á estação, occupou-se da bagagem, e chorou outra vez, abraçado a elle.

Passados quinze dias, Machado voltou. Occupou outra vez a sua carteira, no gabinete de reps verde. Não parecia o mesmo. Estava mais sereno, mas tão triste no seu luto, que Godofredo, sempre romantico, pensou de si para si que aquelles labios nunca mais sorririam.

Depois, vendo-o demorar-se á carteira, sem vontade d'ir para casa, para a casa agora vazia, para o jantar agora solitario, veio-lhe um dos

seus bruscos impulsos de bondade: esqueceu tudo, abriu os braços a Machado:

— O que lá vae, lá vae! Venha você d'ahi jantar comnosco!

E nem o deixou hesitar; quasi lhe enfiou o paletot, arrastou-o pela escada abaixo, chamou uma tipoia, atirou-o para dentro, levou-o em triumpho á rua de S. Bento.

Machado, durante todo o caminho, não dissera nada, tremendo d'aquelle encontro, empallidecendo já, procurando uma palavra natural para dizer á entrada.

Logo na escada sentiram o som do piano, e d'ahi a instantes, Godofredo, mettendo a cabeça pelo reposteiro da sala, exclamou radiante:

— Ludovina, trago-te aqui um convidado.

Ella erguera-se — e achou-se de repente deante do Machado, que

se curvava profundamente, disfarçando a sua perturbação na profundidade d'aquella cortezia.

Ella fizera-se escarlate, mas a sua voz foi clara e firme quando lhe estendeu a mão, dizendo:

— Como está, snr. Machado? Então, chegou bem?

Elle balbuciou umas palavras inintelligiveis, e ficou de pé, esfregando as mãos devagar — emquanto Ludovina dissipava aquelle embaraço com uma infinidade de palavras, contando a Godofredo uma visita que tinha recebido d'uns certos Mendonças, fallando do Mendonça, e da Mendonça, e do Mendonça pequeno, vivamente, nervosa, com as orelhas a arder.

Depois, para dar umas ordens, apressou-se a sahir.

Quando ficaram sós, Godofredo teve esta palavra profunda:

—Isto, quando ha boa educação, tudo vem sempre a acabar bem!

D'ahi a pouco, Ludovina voltava, mais serena, tendo de certo posto na cara uma camada de pó d'arroz. Machado sentara-se no famoso sofá amarello e quiz erguer-se, dar-lhe aquelle logar; mas ella não consentiu, sentou-se ao lado, na poltrona, e, como se quizesse emendar um esquecimento, apressou-se a dizer, d'um folego, como quem recita uma lição:

— Eu senti muito a perda que o snr. Machado...

Elle curvava-se, murmurando umas palavras, mas Godofredo acudiu, exclamando:

— N'isso não se falla agora! Devem-se acceitar os decretos de Deus; acabou-se.

Mas uma sombra passára sobre a face commovida de Machado e

um bafo morno de tristeza pesou sobre a sala.

E foi esta tristeza que subitamente os pôz á vontade. Era como se o Machado, com aquelle luto pesado, aquella saudade da mãe, aquelle tumulo ainda recente, não fôsse o mesmo que alli bebera copos de vinho do Porto, com ella nos braços, sobre o sofá amarello. Era um outro Machado, um rapaz grave, vergado por uma dôr que era preciso consolar, envelhecido, e para sempre incompativel com aventuras d'amor.

Ludovina achava-o mudado, e olhando para elle, nem se recordava de como fôra n'outros tempos; por seu lado, Machado achava-a tão estranha como se fôsse a primeira vez que viesse áquella casa.

O marido esquecia. Elles esqueciam tambem. E terminaram por

olhar um para o outro, fallar, naturalmente, sem embaraço, ella dizendo « snr. Machado », elle respondendo « Vossa Excellencia », frios, tendo para sempre acabado de estremecer um defronte do outro, sem commoção, como dois carvões apagados.

E o jantar foi tranquillo, calmo, intimo, quasi alegre.

Então a vida continuou, desenrolando-se, banal e corredia, como ella é.

O luto de Machado acabou. Voltou a frequentar os theatros, teve outras amantes, namorou outras senhoras.

Depois, o Netto morreu, de repente, d'apoplexia, dentro d'um omnibus, e a Therezinha veio viver com a irmã.

Ao fim de dois annos, Machado casou com uma menina Cantanhede, por quem concebera uma paixão absurda, frenetica, que não podia esperar, e o fez concluir namoro, enxoval, licenças e casamento, tudo dentro d'um mez.

Houve um baile. Ludovina appareceu com uma bella *toilette*, mas não dançou.

Depois, ao fim d'um anno, a pobre Cantanhede morreu de parto, e outra vez Machado soluçou, perdido de choro, nos braços de Godofredo. Outra vez Godofredo recebeu a chave do caixão, e deu apertos de mão profundos e mudos durante as visitas de pezames.

Mas d'esta vez Ludovina ajudava-o, chorando tambem, porque ella e a pobre Cantanhede eram intimas, passavam os seus dias juntas, não se largavam, e a sua dôr era quasi

tão grande como a do infeliz Machado.

De novo a vida continuou, banal e corredia, como ella é.

Ao fim de dois annos, Machado tinha por amante uma actriz do Gymnasio.

Por esse tempo houve em casa dos Alves um desgosto -- o casamento de Therezinha — contra vontade da irmã e do cunhado, com um empregado d'alfandega, um imbecil insignificante e sem vintem, que seduzira a menina por ser pallido e loiro como uma espiga. Foi necessario casal-os, porque a Therezinha se definhava, ameaçava deitar-se da janella abaixo — e havia outras desconfianças.

Os mezes passaram, depois os annos. A firma Alves & C.ª cres-

cia, enriquecia. O escriptorio, agora mais largo, mais luxuoso, com seis caixeiros, era á esquina da rua da Prata.

Godofredo estava mais calvo. Ludovina engordava. Tinham carruagem e no verão iam para Cintra.

Depois, Machado casou outra vez, com uma viuva — casamento inexplicavel, porque a viuva nem era bonita, nem era rica ; tinha apenas uns olhos extraordinarios, muito negros, muito pestanudos, muito quebrados, a expirar de langor.

Foi um casamento á capucha e os noivos partiram para Paris.

Voltaram. Vieram viver para perto dos Alves que agora tinham mudado para um palacete a Buenos-Ayres — e outra grande amizade nasceu logo entre Ludovina e a senhora dos olhos langorosos.

Agora as duas familias vivem junto uma da outra, e ao lado uma da outra vão envelhecendo.

No dia dos annos de Ludovina ha sempre um grande baile — e sempre, inseparavel d'esse dia, vem á memoria do Alves aquelle outro anniversario, em que elle entrou em casa, e viu no sofá amarello.....

Mas ha quanto tempo isso vae!

E esta lembrança, agora, só o faz sorrir. E fal-o tambem pensar: porque este facto permanece o grande acontecimento da sua vida, e d'elle extrahe geralmente a sua philosophia e as suas reflexões usuaes.

Como elle diz muitas vezes a Machado: — que coisa prudente é a prudencia!

Se n'aquelle dia do sofá amarello, elle se tivesse abandonado á sua colera, ou se tivesse persistido

depois em idéas de vingança e rancor, qual teria sido a sua vida?

Estaria hoje ainda separado de sua mulher, teria quebrado a sua amizade intima e commercial com o socio; a sua firma não teria prosperado, nem augmentado a sua fortuna; o seu interior teria sido o d'um solteirão azedado, dependente de creadas, maculado talvez pela libertinagem.

N'esses longos trinta annos que haviam passado, quantas coisas bellas teria perdido, quantos regalos domesticos, quantos confortos, quantos doces serões de familia, quantas satisfações da amizade, quantos longos dias de paz e de honra.

A estas horas, estaria velho, com a vida estragada, e aquella mancha do seu passado queimando-lhe sempre a alma!

E assim, que differença!

Tinha estendido os braços compassivos á mulher culpada e ao amigo desleal; e com este simples abraço, fizera para sempre da sua mulher uma esposa perfeita, do seu amigo um coração fiel.

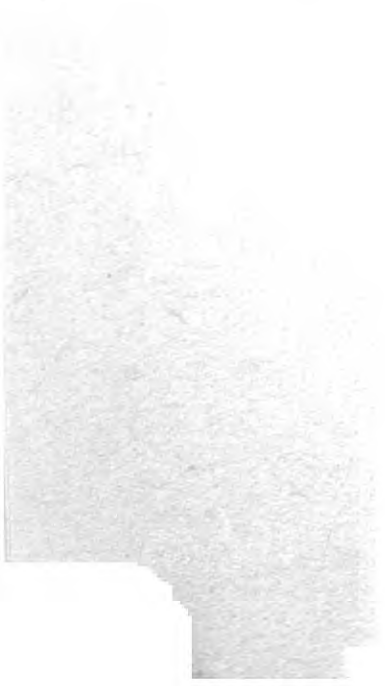
E agora alli estavam, todos juntos, lado a lado, honrados, serenos, felizes, envelhecendo de camaradagem no meio da riqueza e da paz.

Ás vezes, pensando n'isto, Alves não póde deixar de sorrir com satisfação. Bate então no hombro do seu amigo, lembra-lhe o passado, diz-lhe com um sorriso:

— E nós que estivemos para nos bater! A gente em novo sempre é muito imprudente... E por causa d'uma tolice, amigo Machado!

E o outro responde, sorrindo tambem:

— Por causa d'uma grande tolice, Alves amigo!



OBRAS POSTHUMAS DO MESMO AUCTOR

A CAPITAL

O CONDE D'ABRANHOS

ALVES & C.ª

CORRESPONDENCIA

O EGYPTO (Notas de Viagem)

CARTAS INEDITAS DE FRADIQUE MENDES E PAGINAS ESQUECIDAS

UMA CAMPANHA ALEGRE